

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 6 A 12 DE DEZEMBRO DE 1976

ANO II

No. 76

Cr\$ 2,00

NEWTON BALZAN ANALISA A FALA DOS «DERROTADOS»

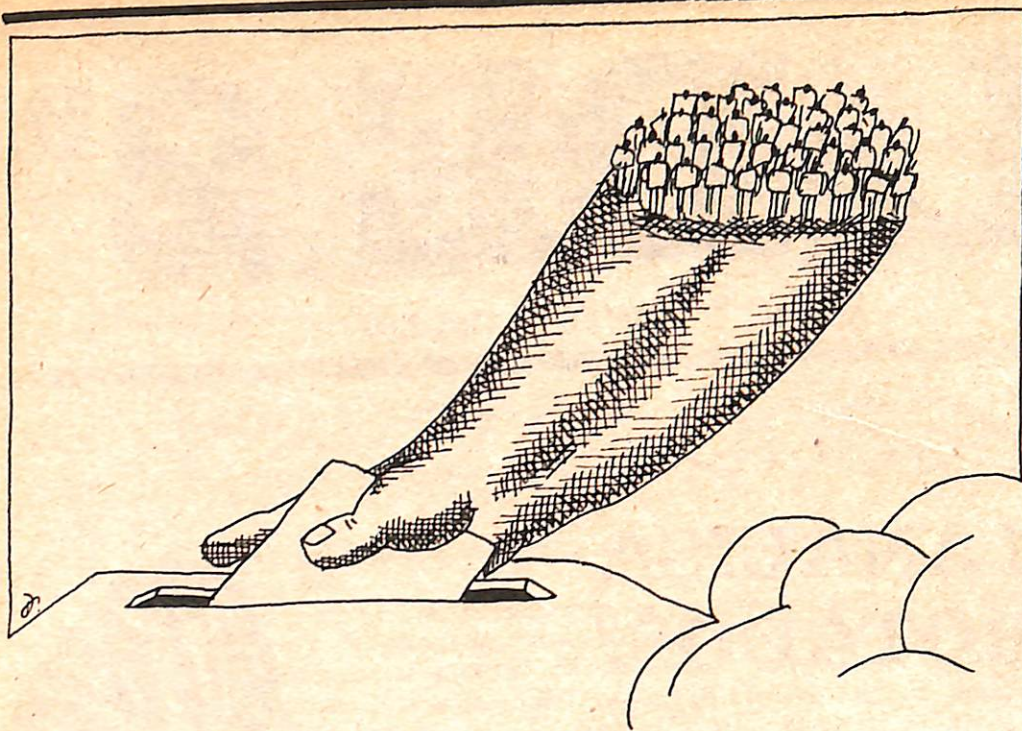
(Pag. 3)

VESTIBULAR: 93 MIL PARTICIPAM DESSA BRIGA.

(Pag. 16)



PAULISTA CANTOU
DE GALO NA PRIMEIRA DIVISÃO.
JÁ FAZ 8 ANOS.



Total parcial

"Desta vez não deu, mas conte comigo na próxima", "Foi uma votação expressiva, levando em conta que é a sua primeira tentativa", "Continuo achando que meu voto não foi perdido".

Com essas e outras igualmente animadoras palavras, uma centena de pessoas vieram pessoalmente dar o seu apoio ao candidato derrotado, o que me encheu de orgulho. A todas elas dei explicações que, agora, pretendo levar ao conhecimento dos 10.286 eleitores que marcaram meu nome na cédula única, dia 15 de novembro.

Minha candidatura nasceu de um convite do Diretório local do MDB e, em especial, do deputado Jayro Maltoni.

Antes de aceitar o convite, ouvi importantes homens por quem tenho o maior respeito, entre os quais estavam alguns companheiros deste "Jornal de 2a.". E a decisão de partir para a luta ficou, desde o primeiro instante, definida em dois propósitos fundamentais: o primeiro, de conscientizar o maior número possível de cidadãos desta terra a respeito da necessidade de participação de todos na vida política do município, para que dessa participação renascesse a verdadeira democracia que o Movimento Democrático Brasileiro quer ver instaurada em nosso País. Democracia que começa com a eleição, por sufrágio universal direto, de todos os representantes do povo em todos os cargos eletivos, incluindo a autoridade que deve reger a Nação, o presidente da República. Democracia livre de atos de exceção que diminuam a nós brasileiros, diante de outros povos livres do mundo. Democracia onde a imprensa possa se manifestar livre de censura prévia. Democracia sem decretos como o 477, que alheia os estudantes da vida política. Democracia sem utopias, mas simplesmente assentada na Declaração

dos Direitos do Homem, reconhecida por todas as nações livres do planeta.

O segundo propósito foi a denúncia — séria, fundamentada, sem medo — de todos os desmandos praticados (e consentidos) pelos atuais dirigentes arenistas, quer em âmbito municipal, estadual ou federal. Porque, para nós, tudo quanto aconteceu e está acontecendo em Jundiá, por exemplo, tem implícito o "nihil obstat" do partido que ocupa o poder, a Arena: o anti-social aumento dos impostos, o planejamento urbano feito a portas fechadas, a inversão de prioridades para atender a grupos, o endividamento brutal que o povo terá de pagar a duras penas, os contratos lesivos ao erário público.

E foi falando sobre tudo isso que, durante 150 dias, realizamos nossa campanha em casas particulares, praças públicas, bares e algumas raras associações não comprometidas com as promessas e/ou ameaças do governo arenista da cidade.

Dessa peregrinação resultaram os 10.286 votos que recebi

10.286 consciências que se decidiram, pelo meu nome, sem que nada lhes fosse prometido ou oferecido.

Pois é a essas consciências que me dirijo agora, não para agradecer a decisão que tomaram livremente, mas para convocá-las para um trabalho novo e ainda maior: o de que se transformem em propagadores dos ideais do partido no qual votaram, já que considero os votos a mim atribuídos, não uma escolha de pessoa ou nome, mas uma atitude tomada diante da realidade que envolve a todos nós, brasileiros conscientes.

Para essa nova tarefa, contem comigo e com os homens que deram seu apoio à minha candidatura.

Erazê Martinho

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

434-8648

POLITICOTECA? OU FUTUROLOTECA? FAÇAM SEU JOGO, SENHORES.

Animado pelo grande sucesso do concurso de contos, o Jornal de 2a. apresenta aqui sua mais nova promoção: a escolha do homem de visão política de 1976.

Trata-se de um interessante concurso de palpites, fácil de entender, mas fascinante pelo grande número de probabilidades e variações possíveis. Ele é inteiramente baseado no principal tema dos atuais exercícios de futurologia de nossos parlamentares, observadores e analistas: a reforma política. Pois não há dia, nos últimos tempos, que passe sem uma análise do assunto nos jornais, sem que algum parlamentar defenda ou ataque apaixonadamente esta ou aquela sugestão reformista. O único ponto comum a qualquer análise ou declaração é que todas terminam nestas dúvidas: quais reformas virão? E quando?

Assim, destina-se o presente concurso a auxiliar esses atormentados parlamentares e analistas políticos.

Vencerão o concurso os apostadores que acertarem os resultados de 13 jogos, exatamente como se faz na Loteria Esportiva. Ninguém paga nada para apostar (nosso incentivo ao interesse popular pela política), mas só será permitido fazer um jogo duplo (para eliminar a evidente vantagem de certos políticos menos ortodoxos).

Estes são os treze jogos. Escolha a coluna:

JOGO UM

Coluna um — as eleições para governador em 78 serão diretas.

Coluna do meio — as eleições para governador em 78 serão indiretas.

Coluna dois — não haverá eleições para governador em 78.

JOGO DOIS

Coluna um — as sublegendas voltarão a valer nas eleições para o Senado

Coluna do meio — não haverá sublegendas nas eleições para o Senado.

Coluna dois — não haverá eleições para o Senado em 78.

JOGO TRÊS

Coluna um — para que haja coincidência de mandatos, as eleições de 78 serão adiadas para 1980.

Coluna do meio — as eleições de 78 serão realizadas normalmente.

Coluna dois — a coincidência de mandatos só será adotada para as Assembleias, Câmara e Senado, adiando-se para 1980 apenas as eleições legislativas. Haverá eleição para governador em 78, mas indireta.

JOGO QUATRO

Coluna um — para 78 será adotado o sistema clássico de voto distrital.

Coluna do meio — para 78 será adotado o sistema misto de voto distrital.

Coluna dois — o voto distrital não será adotado.

JOGO CINCO

Coluna um — em 78, os governadores serão eleitos pelas Assembleias Legislativas.

Coluna do meio — os governadores serão eleitos por um Colégio Eleitoral

formado pelos deputados estaduais e pelos prefeitos.

Coluna dois — nenhuma das alternativas anteriores.

JOGO SEIS

Coluna um — o bipartidarismo vai acabar antes de 1978.

Coluna do meio — o bipartidarismo não vai acabar antes de 1978.

Coluna dois — o bipartidarismo continuará, mas sem as sublegendas.

JOGO SETE

Coluna um — além da Arena e MDB, mais dois novos partidos serão criados antes de 78.

Coluna do meio — Arena e MDB, serão dissolvidos, formando-se quatro novos partidos.

Coluna dois — os políticos poderão formar partidos à vontade.

JOGO OITO

Coluna um — a fidelidade partidária vai acabar.

Coluna do meio — a fidelidade partidária continuará normalmente.

Coluna dois — a fidelidade partidária será suspensa por seis meses.

JOGO NOVE

Coluna um — o voto para deputado estadual, federal e senador será vinculado.

Coluna do meio — o voto só será vinculado para deputado estadual e federal.

Coluna dois — não haverá voto vinculado.

JOGO DEZ

Coluna um — o senador que se candidatar a governador terá de renunciar ao mandato.

Coluna do meio — o senador que se candidatar a governador não terá de renunciar.

Coluna dois — não haverá eleições para governador em 78.

JOGO ONZE

Coluna um — uma Assembleia Constituinte vai elaborar uma nova Constituição.

Coluna do meio — o próprio Congresso atual elaborará a nova Constituição.

Coluna dois — não haverá nova Constituição.

JOGO DOZE

Coluna um — o Ato 5 será abolido.

Coluna do meio — o Ato 5 continuará como está.

Coluna dois — o Ato 5 será incorporado à Constituição.

JOGO TREZE

Coluna um — será criado um Poder Moderador, para conciliar os eventuais interesses em conflito.

Coluna do meio — não haverá Poder Moderador.

Coluna dois — em vez de Poder Moderador, a Constituição conterá dispositivos legais que permitam ao Estado uma eficiente defesa da Nação contra eventuais ameaças internas ou externas.

(P.S. — só não conseguimos, ainda, escolher o nome para o concurso. Politicoteca? Futuroloteca? Reformateca? Absurdoteca? Ou neu-rose coletiva?)

OS DERROTADOS FALARAM.

Newton Balzan

O Jornal de Jundiá publicou em sua edição do último dia 19, entrevistas com quatro dos cinco candidatos derrotados à Prefeitura Municipal. Apenas o Sr. Arnaldo Reis não se manifestou por se encontrar em viagem, segundo o jornal.

Por acreditarmos que aquilo que o indivíduo diz reflete sua atitude, dando-nos desta maneira uma idéia de sua estatura — política, no caso — é que faremos uma ligeira análise do conteúdo daquelas entrevistas.

As eleições já se foram, é certo, mas não o tempo de discutir sobre elas. Pelo contrário, julgamos importante insistir na idéia de que sempre é tempo de nos aprofundarmos neste assunto, pois o voto consciente e a participação de cada um, tão apregoados, não surgirão por milagre e nem tão pouco do exercício realizado apenas em vésperas de eleições, mas sim da atividade permanente do indivíduo que se propõe a ver uma dimensão política em atos às vezes muito simples.

Embora se trate de candidatos de diferentes partidos, uns mais derrotados que os outros, é possível apontar alguns traços comuns abordados nas entrevistas.

O primeiro deles refere-se à pequena votação alcançada pelos candidatos a vereador do MDB. Todos os candidatos mostraram-se surpresos diante de tal fato. Mas, ao encará-los, os derrotados deixam já perceber claramente suas diferenças individuais. Se não vejamos:

Para o Sr. Abdoral Lins de Alencar, “o povo não está interessado na Oposição; se estivesse, ganharíamos pelo menos na Câmara, mas perdemos nos dois, Legislativo e Executivo”. O tom é de amargura, próprio de quem provavelmente tenha dado muito de si e esteja bastante desiludido.

Segundo o Sr. Cid Faria Ognibene, “Jundiá é uma cidade essencialmente emedebista, em que o grosso de sua população é constituída por operários, que a mentalidade da maioria dos eleitores é emedebista, mas por uma razão inexplicável não havia uma manifestação clara, o eleitorado estava mudo”. É o tom de perplexidade ainda, mas que não vai às causas do fenômeno e numa análise simplista passa a associar a presença de um grande número de operários obrigatoriamente a MDB, isto é, ao partido da Oposição. Sem dúvida, tal relação ocorre com bastante frequência, estando presentes os exemplos do ABC, de áreas industrializadas da Baixada Santista, de Contagem (da Grande Belo Horizonte), etc. No entanto, há exceções e Jundiá é uma delas. No caso, bastante previsível conforme outros dos derrotados chegaram a assinalar.

O Sr. Rubens de Lucca, dizendo-se surpreso também, aproximou-se um pouco mais do ponto essencial: “Inicialmente, pensava que a Oposição em Jundiá pudesse significar alguma coisa, tendo em vista principal-

vez que já estava definida a situação de se cumprir a lei: “De manhã do dia 15, vi uma enormidade de carros parados, preparando a saída para a busca dos eleitores e fiquei apavorado”.

Chega a ser cômico quando, depois de afirmar ter tido seu próprio carro avariado por um dos cabos eleitorais de determinado candidato, dizer textualmente não condenar nenhum deles por essa atitude e ter mesmo dispensado aqueles que o queriam ajudar (!)

Não é essa a atitude que se espera de um candidato a prefeito de uma grande cidade. Não é preciso se cuidar tanto para não ser agressivo. Pelo contrário, de um vereador que segundo sabemos foi pioneiro na denúncia de irregularidades da atual administração, esperar-se-ia maior definição, agressividade mesmo, sem deixar de lado a razão, evidentemente.

O Sr. Cid também aborda o problema, dizendo que tem censuras a fazer, “principalmente pela falta de fiscalização da justiça, não à lei Falcão, mas ao código eleitoral, que previa a impossibilidade do transporte coletivo dos eleitores”. Embora tenha sido um pouco mais claro, estranhamos que o ex-candidato tenha frisado que não se referia à lei Falcão. Por que teria que frisar este ponto? Não estaria nesta maneira de encarar as coisas — em níveis estritamente locais, sem considerar o que ocorre em âmbito nacional, uma das causas de nosso provincianismo, alicerces de um provável conservadorismo sem direção?

Mais uma vez o Sr. Erazê Martinho nos pareceu aquele dentre os derrotados que se expressou com maior clareza e objetividade: “Tenho todas as queixas do mundo a fazer à Justiça Eleitoral, porque eu achava que não se devia discutir a lei, que prescreve quatro anos de reclusão para quem transportar eleitores”, (...) “Nos aconselharam a denunciar, mas achava que a justiça não deveria ser tão cega a ponto de não ver aquilo. Deveria ser automática a punição”.

Há outros pontos abordados pelos entrevistados, sugerindo-se algumas pistas a respeito de suas concepções sobre os partidos a que pertencem e sobre seus próprios futuros na política. Sem nos colocarmos na posição de adeptos da futurologia (assunto que nos causa repulsa), gostaríamos de arriscar alguns palpites, no entanto.

Dadas as informações que nos são colocadas através dos entrevistas, arriscaríamos a dizer que provavelmente o Sr. Rubens de Lucca será candidato a outro cargo eletivo — é óbvio que todos nós que gostamos de participação política e querendo bem nossa cidade vamos continuar... (...)” se for o caso, dependendo das circunstâncias, candidatando-se a qualquer outro cargo eletivo — são palavras suas. Se der uma nova dimensão ao seu programa, se souber atualizá-lo — desde que sem excesso, pois isto seria contradição pura — provavelmente

mente os reflexos da política nacional e estadual. Entretanto a medida em que a campanha se desenvolvia, percebi que a Oposição não conseguia sensibilizar o eleitorado com suas teses e eu via que Jundiá — uma vez mais — iria continuar com o espírito governista, em termos de apoio a Arena, que é um fato incontestável a não ser em 74, quando houve maioria do MDB”. Dizemos que o Sr. Rubens se aproxima um pouco mais, apenas, da explicação correta, porque o termo “governista”, empregado, não nos parece adequado. A coisa é um pouco mais profunda, como deixa claro outro dos derrotados.

Com efeito, o Sr. Erazê Martinho, atinge a essência do problema: “... o povão votou em gente e como Jundiá é uma cidade conservadora acabou votando em quem já conhece, não arriscou solução nova, que era o MDB”.

Realmente nos parece ser este o ponto-chave do problema: trata-se de uma cidade conservadora e o próprio Sr. Cid parece perceber a questão embora não a tenha explicitado: “no meu entender, o Prof. Pedro Fávoro cristalizou os anseios de grande número de emedebistas, que viu na pessoa dele exatamente a figura que representava o protesto — o grifo é nosso — desse grande número de emedebistas, e recebeu elevado contingente de votos emedebistas”.

A coisa pode parecer esquisita; mas é real: o povo protestou, mas não muito, uma vez que o protesto limitou-se a pessoas não atingindo os partidos; preferiu dizer não ao atual, garantindo-se contra todos os riscos, isto é, escolhendo um nome já conhecido e que oferecia certa margem de segurança no trato das coisas públicas.

O porquê de Jundiá ser um município conservador, embora industrial e urbano constitui um desafio aos jovens sociólogos que poderiam encontrar até excelente material de pesquisa. O fato é que tal conservadorismo se faz sentir em vários setores: educação, religião, arte, política, etc...

Dai não se justificar o tom de perplexidade diante dos resultados das urnas, que alguns dos entrevistados deixaram transparecer.

O segundo ponto abordado nas entrevistas refere-se ao transportes para os eleitores no dia das eleições. Os três emedebistas denunciaram abertamente os fatos, embora de maneira bastante diversa, sendo possível inferir mais uma vez alguma coisa sobre seus diferentes modos de encarar a política. O ex-candidato arenista, é claro, não se referiu a este problema.

A posição do Sr. Abdoral nos pareceu carregada de contradições. Começa elogiando a justiça eleitoral que segundo ele, tem se caracterizado por uma lisura extraordinária. E depois de declarar que tudo foi ótimo, diz-se estarecido com o volume de veículos que transportaram eleitores, uma

encontrará ressonância bastante grande numa cidade conservadora. Se a cidade continuar assim — e por que não haveria de continuar? — será eleito.

Quanto ao Sr. Abdoral, tudo dependerá do tempo que levar para que se reencontre. Consideramos improvável que seus eleitores se esqueçam de sua atuação marcante e coerente na Câmara de Vereadores, não se justificando sua indecisão atual, a não ser que a consideremos pura e simplesmente como passageira, fruto de uma grande decepção. Aliás, ele mesmo faz questão de lembrar ter saído à luta devido ao seu espírito partidário.

O futuro político do Sr. Cid, a nosso ver, está na dependência de uma profunda revisão de sua forma de atuação que deveria ser mais realista e menos ingênua. Acreditamos que tenha participado do pleito, conforme declara, com a intenção de levar a todos os cantos de Jundiá, principalmente àquela população de menor capacidade aquisitiva uma esperança de melhores dias etc... No entanto, a forma escolhida não parece ter sido a melhor. Estamos diante de uma situação complexa e contraditória: o povão (expressão que tanto usa o Sr. Erazê) sente tudo isto, sim, mas talvez não entenda sua linguagem, fato que o Sr. Cid parece perceber com clareza, quando atribui a si próprio possíveis deficiências — “não conseguindo ser entendido, não estabelecendo uma comunicação mais direta com a massa” — que o teriam levado a uma votação tão irrisória.

O Sr. Erazê vê ao revés “uma grande lição, uma grande ferida, um ponto de partida para um novo passo”. Refere-se a um grupo de trabalho, junto ao qual pretende continuar atuando numa linha de conscientização, visando fortalecer o partido tendo em vista o futuro.

Se o espírito do grupo prevalecer, sem dúvida terá sucesso. Captará os votos do MDB que ainda não existe mas que talvez possa existir: vinculado a teses populares e reformistas, indo de encontro a uma camada da população que terá interesses diferentes daqueles expressos por um partido conservador (Arena) ou mal expressos por um partido sem estrutura (MDB atual). No entanto, tudo se coloca na dependência do próprio trabalho que ele afirma pretender continuar — trabalho de base e que implica mudança de mentalidade de uma população que ele mesmo sabe, conservadora.

Newton C. Balzan (professor universitário, chefe de departamento de pós-graduação da PUCC) já colaborou no n.4 do “Jornal de 2a”, comentando o problema do menor em Jundiá.

COMPROMISSOS

Segundo informações, o grupo de vereadores que comporá a futura bancada emedebista na Câmara Municipal já traçou alguns planos de ação que, em linhas gerais, poderia ser resumido em dois pontos: primeiro, as decisões do grupo serão sempre tomadas em conjunto, depois da discussão democrática das opções que cada componente pode e deve sugerir; segundo, tornar pública esse “unidade de pensamento e ação” a partir de já, mesmo antes de ocuparem suas cadeiras no Pálacio da Esplanada.

E essa publicidade começou com uma visita feita ao “Jornal de Jundiá”, ao prefeito eleito Pedro Fávoro e, segundo consta, ao comandante militar da GAC e ao bispo diocesano. Em seguida, estaria no plano dos novos oposicionistas visitas aos mais representativos elementos daquilo que se convencionou chamar de “forças vivas”: industriais, comerciantes, associações de classe.

Embora concordemos com a decisão de agirem unidos, discordamos dos novos vereadores do MDB na segunda parte do plano, ou seja, no conceito de “publicidade” que o grupo vem pondo em prática.

Para nós, esse “protocolarismo”, ao contrário de definir um novo comportamento,

insere os oposicionistas no mais convencional e gratuito “beija-mãos” que sempre tem caracterizado o velho estilo dos políticos, daqui e de fora. O que nos autoriza a indagar: até que ponto velhos caminhos podem conduzir a novos horizontes?

Acreditamos que, uma vez eleitos democraticamente, através de um partido legal e graças a um trabalho reto, os novos vereadores têm apenas um compromisso e uma satisfação a darem.

O compromisso será o de pautar suas decisões em plenário de acordo com o programa do partido ao qual se filiaram e via do qual foram eleitos. A satisfação será dada aos eleitores que, acreditamos, sufragaram esses seis nomes esperando exatamente isso: a ação programático-partidária.

Temos boas razões para antecipar nossas críticas ao comportamento dos novos vereadores da oposição, razões colhidas no próprio resultado das eleições de 15 de novembro, no Vale do Paraíba, por exemplo. Ali, prefeituras emedebistas acabaram perdendo as eleições para a Arena, entre outras coisas porque, como administração, pautaram-se exatamente pelos velhos moldes, nada acrescentaram que justi-

ficasse ao cidadão (vale dizer, ao eleitor) a continuidade administrativa.

E, queiram ou não os descrentes, o eleitorado está amadurecendo, está se politizando a cada eleição, provando que o preço da democracia é o julgamento popular, o julgamento da maioria.

A ela, à vontade popular, é que os políticos legítimos devem dar publicidade dos seus atos, através de atitudes que vão de encontro aos anseios do povo.

Fora disso, tudo o mais é turismo.

Equipe J2a.

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1044 Tel: 434-8648
Redator Chefe: Carlos Veiga
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue



Cadê a dita que ninguém vê?

"A minha grande mágoa é que lá em casa não tem água e eu preciso me lavar"

Mas, cadê a água, gente! Bem pouco antes das eleições o DAE ocupava as páginas dos jornais para anunciar água da melhor qualidade em quantidade suficiente para todos.

Cadê a dita, que ninguém vê?

E o DAE, que é que diz?

As torneiras roncavam o dia inteiro como que a clamar por S. Pedro a fim de que acuda o povo calcinado no fogo da canícula.

Estamos trazendo um novo rio para vocês.

Cadê o rio, gente?

Como diz o cancionista, aquele rio, foi um rio que passou na nossa vida... e secou...

É assim mesmo que as coisas acontecem. Se não tivessem metido o nariz naquela concorrência, nesta hora estava tudo "oquei". P'ra que é que foram envolver a "Justa" no jogo da cabra cega? Agora é isso aí. Água, que é bom, só vinha do céu.

Também, p'ra que é que se há de dar água a esses ingratos? Não foram eles mesmos que puseram casca de banana no caminho do "vamos continuar"? Pois já que não quiseram continuar, que se danem. Que fiquem parados. Que comecem pastar.

Afinal de contas, gastou-se mais de dezoito mil patas por dia para contar ao povo as excelências da administração. Como acabar com rojões e caramurus por cima da cabeça? Aquele foquetório encheu o saco de muita gente.

Os canos estão vazios, e porque não? É certo que se anunciou água em abundância e da melhor qualidade. Mas, desde que o reis fosse entronado. Não foi. Quanto ao DAE, apesar de seus propósitos de melhor servir, não foi bem entendido. O pessoal cuspiu no prato em que comeu. Agora quer água p'ra lavar a cusparada. Que peça ao outro.

Ao outro, que andou por aí o tempo inteiro a dizer que ia dar tudo o que seu Ibis não soube dar. Pois que esperem por ele. Pelo outro. "Noblesse oblige". Ele, sim, terá que dar água para todos. É uma obrigação de quem entra com panca de salvador. Se não puder, que faça como nós: prometa. Gaste o que for preciso nos jornais, mas prometa. Prometa até o fim. O povo gosta de promessas. Não importa se da torneira está saindo só o ronco. Prometa. Quem não pode trapaceia c'oa propaganda. Nos jornais, no rádio, nas revistas, nas fitas do cinema.

A propaganda mata dois coelhos numa só cajadada — traz esperanças e fecha a boca dos interesseiros.

Além do mais, quem no curto espaço de quatro anos, ganhou a Corrego do Mato, a 14 de Dezembro e a Imigrantes, não pode dar-se ao luxo de querer água no banheiro. É querer de mais. É muita pretensão.

Todo o mundo a pedir água
Sem ter pejo do que fez
Não ligando à nossa mágoa
Não levando ao trono o reis

Pois agora, se quiserem
Trazer limpinho o bum-bum
Vão ao outro pedir água
P'ra que lhes tire o budum.

Simão

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

disque: 434-8648

O ASFALTO DA VIGÁRIO.

O asfalto da Rua Vigário João José Rodrigues não tem mais que dois meses de vida e já sente com profundidade os efeitos maléficos da erosão.

Defronte ao prédio 840, um cano estourado expôs as pedras do calçamento que serve de base ao betume totalmente descobertas.

O fato mostra, sem necessidade de conhecimentos maiores que, ou o material empregado é da pior qualidade ou a espessura da argamassa é insuficiente para resistir a trepidação do fluxo contínuo dos veículos que transitam por aquela artéria.

Seja uma, seja outra coisa a razão da desagregação prematura do asfalto, há que se responsabilizar a construtora que executou o serviço, que no caso é a Andrade-Gutierrez S.A. Paralelamente, grande soma de responsabilidade recai sobre a Secretaria de Obras da Prefeitura, a quem cumpriria fiscalizar, por dever implícito da função, a excelência do material empregado no capeamento dos paralelepípedos.

Até aí, sedição é dizer que todos entendemos a "una vocce"

O que resta saber é se à vista do fato, onde com evidência se escancara o malbaratamento do dinheiro público, vai a construtora, sem maiores ônus, refazer aquele serviço já que quaisquer correções parciais nos pontos críticos do asfaltamento serão paliativas e desaconselháveis.

Provavelmente em outras ruas recém-asfaltadas pelo mesmo processo de capeamento dos "macacos" o fenômeno se repita exigindo as imediatas providências dos poderes municipais. Procrastina-los é relegar o interesse público.

Ruas já asfaltadas há mais de dez anos, como acontece com a rua do Retiro e transversais para a Avenida Jundiaí, encontram-se bastante danificadas e corroídas por um sem número de crateras erodidas e de dimensões cada vez mais abertas e prejudiciais ao movimento de veículos.

Vamos entrar na estação

das águas. Fácil é imaginar, pois, as consequências ruínas para o trânsito.

Já não falamos da rua Carlos Gomes que mais parece um corredor avassalado por tremores de terra ou coisa parecida.

Daí a procedência das nossas críticas anteriores e repetidas nestes comentários. O sr. Ibis Cruz vai deixar o governo da cidade sem ter dado a mínima atenção à conservação das vias públicas. Durante todo o período administrativo teve o seu interesse devotado às avenidas que lhe têm servido de cavalo de batalha, além de determinadas zonas consideradas como propícias à catalise eleicoeira como se pôde observar quando da ensenação levada a efeito por ocasião da pirotécnica inauguratória.

Todavia, agora que as eleições já se foram, bem que o prefeito poderia voltar as suas vistas às ruas esburacadas. Ou já não paga a pena?

Elcio Vargas

IMABS

**"QUE A LÍNGUA
DE JUNDIAÍ O PERSIGA"**

O "Jornal de 2a." está procurando, entre os consagrados "faladores" desta terra, aqueles que gostam de escrever.

E vai premiar com 5 mil cruzeiros os três melhores "contadores de caso" reais ou imaginários.

Mande seu conto para o

**I CONCURSO DE
CONTOS DE JUNDIAÍ**

Uma promoção do "Jornal de 2a.", feita com o objetivo de incentivar novos valores e estimular a literatura em Jundiaí.

Maiores detalhes pelo telefone 434-8468, ou à Rua Senador Fonseca, 1044.

LAGO AZUL
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL
VIA ANHANGUERA, KM. 72

LAGO AZUL
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL
VIA ANHANGUERA, KM. 72

"E EU VOS DECLARO MARIDO E MULHER" ESPECIAL

NESTA PÁGINA, O QUE É PRECISO FAZER ANTES DE SE OUVIR ESTAS PALAVRAS.

Dezembro é um dos meses do ano preferidos para o casamento, tendo como rivais maio (mês das noivas) e setembro (início da primavera). Neste mês, foram marcados 238 casamentos, quase 100 a mais que em outros.

Para casar não basta apenas arrumar um parceiro. É preciso a certidão de nascimento de ambos e duas testemunhas; caso os candidatos forem menores de 21 anos, a presença do pai ou da mãe é indispensável. Com isso, devem todos ir ao Cartório de Registro Civil, onde será preenchido um requerimento e marcada a data.

Com os documentos, a própria Justiça se encarrega da publicação no jornal, o processo vai ao Juiz e o promotor dá seu despacho. Os proclamas são afixados durante 15 dias, de acordo com a lei. Os trâmites burocráticos, no final, acabam demorando cerca de 20 dias. Quando um dos dois é de fora, é feita uma publicação em jornal do cartório da cidade onde mora.

No dia e hora marcados, todos voltam ao Cartório onde são assinados os documentos. É aquilo que se chama de "casamento de papel passado", tão ao gosto da grande maioria dos pais. Existe também o casamento em casa, feito fora do horário do expediente do Cartório.

Nesse, os noivos escolhem o dia e a hora, e que não acontece no outro caso.

Normalmente, depois da cerimônia civil, graças à tradição católica, é feita a religiosa. Ou "o que Deus uniu nenhum homem separa". Para casar na igreja, é preciso apresentar a certidão de nascimento, de batismo, certificado de curso dos noivos e RG. Existem dois tipos de curso: de uma semana e de um mês. A inscrição pode ser feita em qualquer igreja.

A Catedral Nossa Senhora do Desterro tem um manual com suas regras para a celebração. Uma das exigências é a apresentação do contrato civil antes da cerimônia religiosa. Aos sábados, os casamentos são entre 10 e 11 horas e 14 e 17 horas. Nos outros dias (exceto domingo), o horário deve ser acertado pessoalmente.

Se a noiva atrasar mais de 15 minutos, todo o pessoal que iria trabalhar na cerimônia pode ser retirar. Há recomendação para que não haja fausto demais na decoração. E existe algumas outras normas, que podem variar, dependendo do vigário. Por exemplo, o casamento em casa, na maioria das paróquias, só é feito em casos extremos (entre eles, se os noivos são muito velhos e não gostariam da cerimônia no templo).

"Vamos partir para um negócio seguro"

Isolina Mauzine, 27 anos, Escriturária, estudante de Economia, e Antônio Alves Batista, 29 anos, construtor, vão se casar dia 8 na Igreja Nova Jerusalém, às 15h30 (a cerimônia civil foi sábado dia 4). Bastante religiosos, eles contam a história do namoro, noivado e preparativos para o casamento, um ritmo considerado por eles como alucinante:

— Nós nos conhecemos há três anos — disse Antônio — Ela morava em São Bernardo. Seu pai trabalhava numa indústria que se mudou para a rodovia Marechal Rondon. Então ele resolveu se mudar para Jundiá. Como ela pertencia à comunidade de jovens de onde morava, quando veio para cá foi para a nossa comunidade. Fomos apresentados. E a coisa começou. Primeiro, a gente saía junto com a turma para a pizza depois das reuniões da comunidade. Depois, veio o namoro".

Isolina fala menos que o noivo, mas completou:

— A gente começou a namorar num período de férias. Então, todos os dias nós nos víamos. Depois que as aulas começaram, só aos sábados e domingos".

Assim, eles continuaram até um ano e meio atrás, quando decidiram que era hora de falar em casamento. Poucos meses depois, pensaram na data:

— Desde o começo do ano — relata Isolina — nós decidimos que nos casaríamos este ano. Mas fomos protelando, protelando — o noivo interrompe: "é, o dinheiro foi faltando, faltando. A gente ia casar em setembro. Mas com os adiamentos só sobrou dezembro".

Com o casamento marcado, eles começaram a tomar providências para montar a casa. Devido aos poucos recursos, decidiram ficar com dois cômodos dos nove cômodos do casarão no Vianello onde mora a família de

Antonio. Com reformas ainda inacabadas, terão quarto, sala, cozinha e banheiro só para eles. Apesar disso, os gastos não foram poucos, como o noivo se queixa:

— O preço do material de construção está pela hora da morte. Por isso que não deu pra casar em setembro. A reforma deverá ficar cerca de Cr\$ 35 mil. Sorte que o dono da loja Pisolima, que é meu amigo está arranjando material para mim a preço de fábrica".

Mas, as reformas não ficarão prontas até o dia em que voltarem da lua-de-mel (Campos de Jordão, oito dias), pois ainda há muito por fazer. De qualquer forma, Antônio irá terminando aos poucos.

Quanto aos móveis e utensílios, eles tiveram sorte:

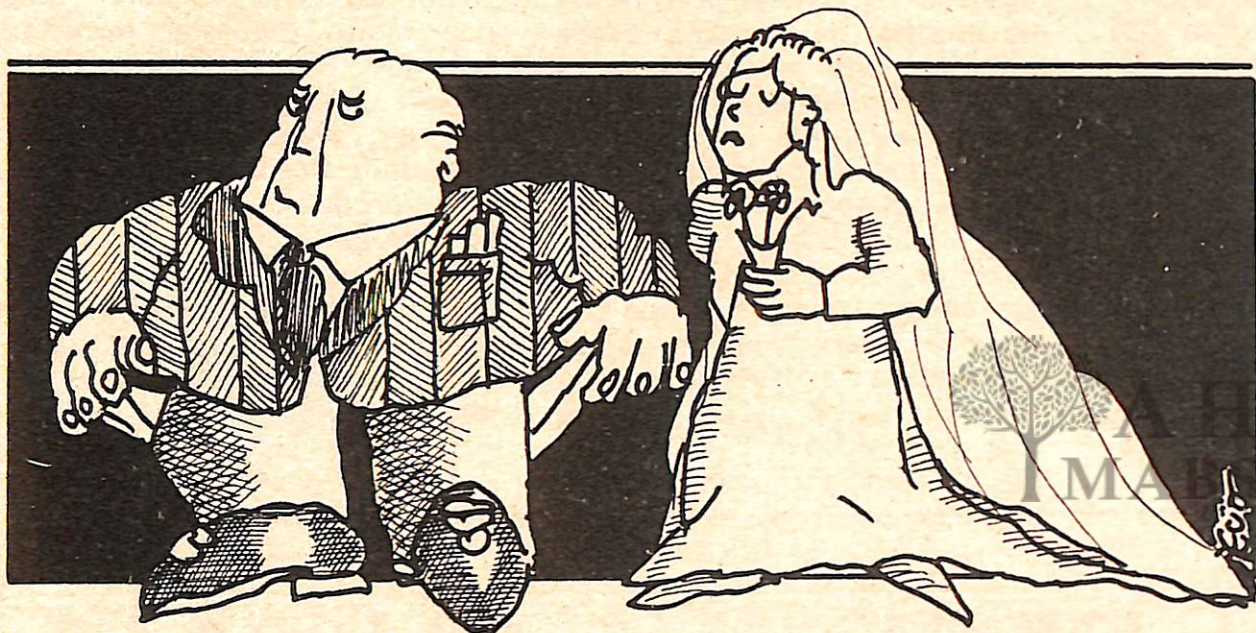
— Nós ganhamos a geladeira, fogão, televisão, quase todos os utensílios mais caros — disse ela. Seu noivo completou:

— Dentro da comunidade a que pertencemos, há gente de toda a classe social e profissão. Nós pedimos para o marceneiro Eugênio Marietti para fazer nosso móveis (armários embutidos, mesa e cama) que custarão Cr\$ 13 mil.

Isolina já gastou cerca de Cr\$ 20 mil com o enxoval, Antônio ficou apenas nos Cr\$ 5 mil. Com todos seus problemas financeiros e uma renda de aproximadamente Cr\$ 7 mil (Antônio acha que chega aos 9 mil, mas a noiva discorda) eles estão dispostos a formar uma família, com a necessária e indispensável presença de criança, como Isolina justifica:

— Nós não estamos mais numa idade de aproveitar a vida e pensar em filhos depois. Vamos partir para um negócio seguro, maduro. E uma criança é muito importante.

Antônio concorda, dizendo que "gosto muito de criança. Menino ou menina, tanto faz".



Aqui, os preços da eterna felicidade.

"Quem casa quer casa" — mas quanto custa uma casa? Cr\$ 300 mil? Cr\$ 500 mil? Cr\$... 1 milhão? O preço varia de acordo com o tamanho, qualidade, localização e especulação. Como o rol de preços é muito grande, deixamos de lado esse item importante, torcendo para que a sorte ou o berço facilitem o início da felicidade eterna dos noivos e apresentamos os preços do que consideramos de mais básico para o casamento:

Cerimônia civil: Cr\$ 150,00 no cartório; em casa, Cr\$ 795,00. **Cerimônia religiosa:** Cr\$... 250,00 (cerimônia, iluminação, tapete, órgão e cantor); adicionais: coro — Cr\$ 1.500,00; eletricidade para filmagem — Cr\$ 100,00; decoração da floricultura — Cr\$ 3.500,00.

Enxoval de noiva:a: civil — de Cr\$ 880,00 a Cr\$ 2.480,00; religioso — de Cr\$ 480,00 a Cr\$ 3.580,00. **Noivo:** terno — de Cr\$ 600,00 a Cr\$ 1.300,00; camisa — de Cr\$ 110,00 a Cr\$ 230,00; gravata — de Cr\$ 45,00 a Cr\$... 85,00.

Móveis e utensílios: geladeira — de Cr\$... 1.990,00 a Cr\$ 7.967,00; fogão — de Cr\$... 632,00 a Cr\$ 2.900,00; copa — de Cr\$... 2.400,00 a Cr\$ 12.400,00; sala — de Cr\$...

1.650,00 a Cr\$ 11.000,00; quarto de Cr\$... 2.260,00 a Cr\$ 13.040,00.

Recepção para 50 pessoas: de Cr\$ 70,00 a Cr\$ 100,00 por pessoa, dependendo do preço, podem ser incluídos refrigerantes, chope, ponche, whisky nacional, bolo e salgadinhos.

Lua-de-Mel: para evitar os Cr\$ 12 mil de depósitos, há bons roteiros dentro do País; todos por avião. As passagens custam: Rio — Cr\$... 794,00 (jato de carreira) e Cr\$ 724,00 (ponte aérea); Foz de Iguaçu — Cr\$ 1.498,00 (ida e volta); Porto Alegre — Cr\$ 1.528,00; Salvador — Cr\$ 2.614,00. Por pessoa, caso dispunham de poucos dias, um roteiro de quatro dias, incluindo Rio de Janeiro e Salvador, fica cerca de Cr\$ 3 mil.

(Os preços que citamos foram fornecidos pelas seguintes lojas: *Credi Rei* — rua Barão de Jundiá, 782/788; *A Noiva Jôia* — rua Barão de Jundiá, 476; *Credi Tranquilo* (móveis e utensílios), av. Dr. Olavo Guimarães, 250/264; *A Paulicéia* (buffet), rua Barão de Jundiá, 890; *Abite Imóveis Turismo*, rua do Rosário, 583. A maioria das lojas vende por crediário, inclusive as passagens de avião, que podem ser pagas em até 10 vezes).



Para Isolina e Antonio, casamento maduro.

Uma despedida - definitiva ou provisória?

Não somos jornalistas. Nunca foi nossa pretensão sê-lo. Transmítamos o que sentíamos... Não sabemos se fomos entendidos. A verdade é que há quatro anos combatemos o modo de proceder dessa administração municipal. Nosso comportamento, por certo, deve ter sido interpretado de muitas formas, segundo o maior ou menor grau de convívio, de caráter, de conhecimento e formação do intérprete. Para muitos nossa atitude se prendia à defesa de interesses pessoais e materiais próprios. Para outros o insurgimento contra a administração acobertava um desejo de concorrer à chefia do executivo. Escrevemos e assinamos. Não fomos contestados. Arcamos com a responsabilidade, fomos processados e o inconformado foi condenado ao pagamento das custas processuais. Ajuizamos inúmeras ações, sendo que as mais interessantes para a opinião pública se referiam à oposição pelo gritante aumento dos impostos, para nós ilegal, pouco importando qual venha a ser o desfecho nos processos que se encontram em instância superior. Fique esclarecido que de nossa parte nada tínhamos e temós de pessoal contra a pessoa do Sr. Alacaide. Não concordávamos e não concordamos com a sua for-

ma de administrar. Não podíamos admitir e aceitar a orientação administrativa gerada pelos "cientistas" de outras plagas para cá trazidos. As imposições e as intimidações não nos alcançaram. Não quisemos fazer trocas de interesses. Agimos segundo os ditames de nossa consciência.

Agora nossa despedida. Entenda o prezado leitor que invadimos profissão alheia. Temos outras ocupações que diversificadas nos tomam todo o tempo. Fomos fabricados jornalistas esporádicos por circunstâncias especiais e adentramos à atividade um pouco por atrevimento e principalmente para não cometer o maior dos crimes em sociedade a omissão.

Conhecedores de que o Prefeito eleito, por sermos seu advogado, é pessoa portadora dos melhores atributos de honestidade, humildade e com propósitos definidos, sem recalques, choques emocionais, traumas, avidez material, sem interligação com pseudos-jornalistas, falsos professores e com hábeis negociantes, não há motivo para ocuparmos o lugar do órgão público, Tribunal de Contas, a quem compete fiscalizar a boa, correta e oportuna aplicação dos recursos públicos.

Confiemos que da administração a ser iniciada farão parte os melhores e mais capazes homens de Jundiá e que seja imposta uma ação horizontal e não vertical na solução dos graves problemas que irá enfrentar, herança de uma experiência infeliz.

A queda de determinados vereadores e muito especialmente daqueles que irreverentemente abriram as sessões do Legislativo "em nome de Deus", foi incontestavelmente, muito salutar aos interesses do município, já que, da sua atuação nada se apurou de útil à população. Todavia, uma boa dose de otimismo e bastante esperançosos, queremos crer que a investidura de novos conterrâneos, no exercício da vereança fará com que a vergonhosa fase que se registrou na história política-administrativa de Jundiá, esteja definitivamente terminada.

Aos leitores que nos distinguiram com sua atenção, ficamos sumamente reconhecidos. Para os colaboradores deste órgão, criado por motivos notoriamente conhecidos, dizemos que ele preencheu a lacuna jornalística e alcançou os objetivos, porque foi levantada a palavra escrita em defesa de toda uma coletividade. Para aqueles que abraçam a filosofia de que

o homem vale em sociedade por aquilo que representa economicamente, e assim nos julgaram e nos conceituaram, ficam os nossos votos para que busquem sair das trevas onde só permanecem os vencidos, os omissos e os pobres de espírito.

Não pertencemos a agremiação do Prefeito eleito, por razões locais e principalmente por imposição de princípios profissionais que nos conduzem à liberdade plena, com responsabilidade definida, que por consequência nos levou à oposição. No entanto, os leitores esclarecidos sabem que a vitória do Professor Pedro Fávaro e Ary Fossen é vitória do Jornal de 2a. Para se opor ao adversário comum, usou de todos os argumentos, inclusive os levados a público pelo referido jornal que muito mal-estar provocou aos que "mamavam na Petronilha". Até a sábia aplicação da Lei Falcão, requerida pelo candidato Dr. Cid, numa jogada feliz, produziu certas vantagens ao vencedor.

Se nosso objetivos foram alcançados, porque tantas delongas. Somente retornaremos se o próximo seguimento assim o exigir.

"o pensador"

ASSINE O JORNAL DE 2ª disque: 434-8648

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana - Térrea, sala em "L", lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência de empregada. Cr\$ 1.300.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

Anhagabaú - Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suíte, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

J. Messina - Fina residência, sala L, 3 dormitórios com armários, uma suíte, garagem, copa-cozinha, banheiro, dependência para empregada, fino acabamento. **Oferta: Ribeiro**

Vila Arens - Térrea, 3 dormitórios, sala de jantar, living, copa-cozinha, 3 banhei-

ros, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. **Oferta: Ribeiro**

Parque do Colégio - Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suíte e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Rua Pirapora - Casa térrea, cozinha e banheiro. Ótima localização. Preço: Cr\$..... 250.000,00 à vista. Ver e tratar à rua Pirapora, 214, (ao lado do Anchieta) na parte da manhã.

SÍTIOS E CHÁCARAS

Medeiros - chácara maravilhosa, com 44.000 m2, totalmente plana, 2 casas sede novas, casa boa para caseiro, salão de festas, pomar, a 500 metros do asfalto. **Ocasão. Oferta: Ribeiro.**

Caxambú - Linda chácara, com 1 alqueire formada, casa sede nova, casa de caseiro, correio, bosque natural, pomar, etc... **Oferta: Ribeiro**

Corrupira - excelente chácara, 1 alqueire, excelente casa nova, casa de caseiro, 10.000 m2 de gramado, 2 lagos, córrego, pomar a 200 metros do asfalto. **Oferta Ribeiro.**

Nova Era - chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) **Oferta Central de Imóveis**

Malota - magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivenda estilo "clássico", três dormitórios, 1 suíte vestibulo duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$...

1.800.000,00 (977). **Oferta Central de Imóveis.**

ÁREAS E TERRENOS

Rio Acima - Duas com áreas de 40.000 e 84.000

m2. A primeira só com mata e água corrente, a segunda com mata, 2 correios, casa simples, pomar e uvas. Lugar recreativo e pitoresco. Distância de Jundiá 4 km. **Ocasão. Oferta Ribeiro.**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

RIBEIRO IMÓVEIS

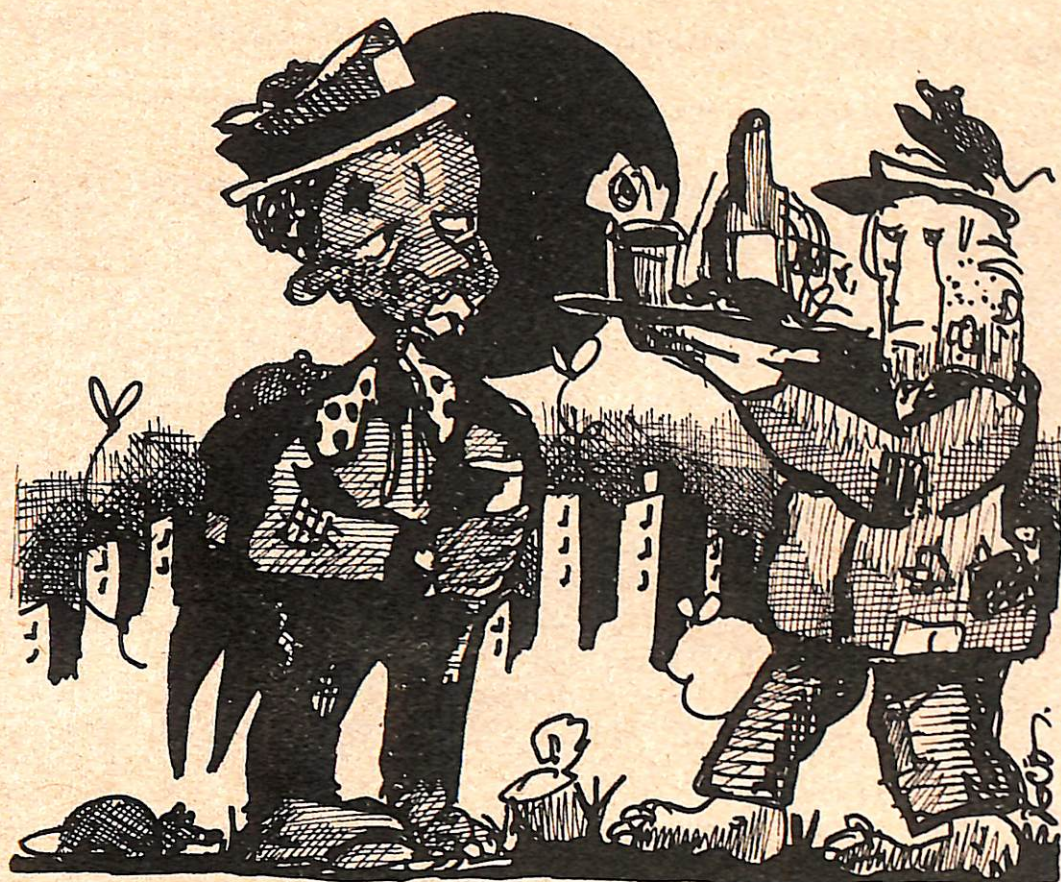
administração
e vendas

rua Mal. Deodoro da
Fonseca, 479
tel. 6-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão
de Jundiá, 1080
Fone 434-3311



Notas (verdadeiramente) sociais

Nêga-Raimundão da Venda recebendo um petit comité, à beira do poço artesiano no fundo do quintal. Comemoravam a formatura do Picolé, primogênito da família, diplomado ajustador mecânico pelo Senai. Buffet do bar do Pedro, muito elogiado, servindo polenta frita, canapés de arroz doce e Ki-Suco.

Comemorado semana passada mais um aninho de sobrevivência de João Batista da Silva, filho do dileto casal João Batista-Maria Batista da Silva, ele mecânico, ela costureira-para-fora. O lindo pimpolho já escapou da esquistossomose, malária, paralisia infantil e bócio endêmico. Seus pais e amiguinhos esperam que agora consiga passar incólume pelo sarampo, difteria, coqueluche e febre amarela.

Colheu mais uma flor no jardim de sua existência o simpático sr. Pereirão da Grama. A data querida foi passada junto a adubos e fertilizantes, e a flor colhida foi uma gentil oferta de madame Silva, de cujo jardim Pereirão cuida com incomensurável desval. Naturalmente, a delicada prenda foi descontada do ordenado.

Recebido com júbilo inotido na família José da Silva o pagamento, pelo INPS, do auxílio-natalidade pelo nascimento do 18.º rebento do prolífico casal José-Assunta. O dinheiro foi destinado à aquisição de alimentos para os 6 primeiros filhos do casal. Os outros dois terços da prole aguardam com expectativa o nascimento do 19.º e 20.º irmãos.

Vinda de longa viagem, a prenda da jovem Maria Ritinha do Nascimento, festivamente recebida por parentes e amigos que foram aguardá-la na plataforma da estação da SJ. A estimada senhorinha vem passar temporada no Sanatório São Lourenço, e está totalmente refeita de suas doenças pulmo-

nares. Para gáudio de seus amigos, deverá reassumir brevemente suas funções na bilheteria do Cine Santa Rosa, se não tiver sido despedida.

Excursionando: Juvenal Torquato, pedreiro, aguardado com grande expectativa pela família, ansiosa por conhecer detalhes da viagem. Juvenal passou a fim de semana no Rio, juntamente com 46.917 amigos. Foi na caravana que os torcedores do Corinthians organizaram para aquelas magníficas plagas. Amigos planejam recepção em grande estilo na estação rodoviária, e aguarda-se farta distribuição de postais do Maracanã.

Recepção: muito comentada pelas famílias do bairro a recepção que o casal Chico Domingos-Quitéria preparou para o cobrador da financeira Dinheiro Forte. O ilustre visitante veio especialmente para resgatar três notas promissórias, que aliás estavam em sua companhia; recebeu pedidos de desculpas, tomou um cafezinho e prometeu levar as recomendações da família ao escrivão de Cartório de Protestos, amigo íntimo do casal. O visitante prometeu voltar em breve, trazendo um oficial de justiça e dois carregadores, para levar a enceradeira, a tevê, o liquidificador e o rádio de cabeceira. "Questões de alienação fiduciária...", comentou, com os vizinhos curiosos.

Choro novo na casa dos Souzas: o do próprio Raimundo Souza, que engessou três dedos da mão esquerda, fraturados em acidente do trabalho.

Marcando folhinha a sra. Marcela Deodato: segundo suas contas, faltam só 47 dias para que seu marido Orlando, vulgo Chuvisco, saia da penitenciária de Avaré, onde passa a temporada promovida pela Secretaria de Segurança, em convênio com o Código Penal.

Por hoje é só. Sorry periferia...

Sandro Vaia

I
E Valmir não era Valmir. A notícia — transmitida aos policiais de São Paulo pelo DOPS pernambucano — informava que o mais famoso estelionatário brasileiro, Valmir Vieira de Azevedo, havia sido preso no longínquo município de Bezerros, a pouco mais de cem quilômetros do Recife.

Em São Paulo, a notícia causou grande impacto, principalmente nos meios policiais, pois já há algum tempo uma conjunta ação investigatória vem sendo desenvolvida pelo DEIC e pelo DEOPS. O delegado Expedito Marques Pereira, da Delegacia de Crimes Contra a Fé Pública, do DEIC, viajou imediatamente para Recife, onde constatou que Valmir não era Valmir — e sim um outro homem, de fato parecido com o chamado "rei dos estelionatários". A essa hora, em algum lugar, Valmir deve estar se divertindo com a confusão. As investigações prosseguem.

II

Depois de muitas discussões em torno da possante metralhadora, arma capaz de expelir em curtos segundos nada menos do que 30 projéteis 9 milímetros, o secretário da Segurança Pública decidiu abolir o uso em todas as viaturas empregadas no policiamento ostensivo e preventivo da cidade, a cargo da Polícia Militar.

Uma rajada é uma rajada, e o simples apertar de um gatilho, por vezes, pode resultar em consequências desastrosas. Isso realmente aconteceu algumas vezes: o policial entrou na favela Ordem e Progresso, escoregou no barro e a arma disparou, acertando em cheio o peito de um infeliz que comemorava, em seu baraco, humildemente, o seu aniversário; o caso da viatura que perseguiu o Volkswagen ocupado por três rapazes durante 7 quilômetros e, numa rampa de acesso ao minhocão, metralharam o carro. E outros.

Parêntesis: este caso, e o da Rota-66, aconteceram em bairros mais, digamos, elegantes — daí a intensa repercussão social. Outros muitos aconteceram, inclusive o da favela, ao qual somente o Jornal da Tarde deu um pouco mais de destaque. Isso porque as pessoas de modo geral, erroneamente, entendem que "caso grave" é aquele que acontece com o rapaz filho do Dr. Fulano de Tal, que por sua vez é influente junto ao Siclano, etc. Isto é: preocupam-se mais com o rótulo, com o envólucro, do que com o ser humano propriamente dito.

Pessoalmente, fiquei mais intrigado com o caso da favela, sem nenhuma demagogia, porque era um caso bem diferente da Rota-66: naquele, um pobre infeliz no seu mí-

sero aniversário: neste, pelo contrário três jovens fugindo de uma perseguição de 16 minutos, dando tiros, fugindo após o furto de um toca-fitas. Por certo, algumas vozes iradas poderão se levantar, argumentando que filhinho-de-pai não precisa furtar nada. Aliás, é sempre assim: rico é cleptomaniaco; pobre é ladrão mesmo...

Mas, voltando às metralhadoras propriamente ditas, trata-se de uma arma potente, perigosa como toda e qualquer arma automática, e que só deve ser manejada por quem tenha absoluto controle psíquico e conhecimento da arma que empunha. Não é uma arma para ser disparada em qualquer circunstância, mas sim em determinadas ocasiões.

Então, analisando os pontos positivos e os pontos contrários, o secretário da Segurança Pública, coronel Antônio Erasmo Dias, e o comandante-geral da Polícia Militar, coronel Francisco Batista Torres de Mello, decidiram abolir o uso da metralhadora. Esclareça-se que as metralhadoras Ina, calibre 45, já haviam sido encostadas há algum tempo, por serem consideradas obsoletas; ultimamente, estavam sendo usadas as submetralhadoras Thompson, 9 mm.

Embora hajam pessoalmente em contrário, acredito que a decisão do secretário da Segurança foi correta: afinal, entre o que se pode ver em termos de manuseio de armas potentes no filme SWAT e o que acontece na realidade, existe uma grande diferença. Ou, conforme observa o coronel Erasmo Dias, "entre o utópico desejável e o possível realizável a distância é considerável".

III

O Batalhão "Tobias de Aguiar", hoje Primeiro Batalhão de Polícia de Choque da Polícia Militar, comemorou na quarta-feira da semana passada o seu 85.º aniversário. A cúpula da Polícia compareceu em peso à solenidade. Atualmente, o Comando de Policiamento de Choque está sendo supervisionado pelo coronel Salvador D'Aquino, que deverá introduzir sensíveis modificações — para melhor — em todo o policiamento de rua da Capital, a partir do fim do mês.

Esperemos que 77 seja um ano de maior tranquilidade, de mais cabeça no lugar, menos erros e acidentes a lamentar — não só entre os abastados, mas também entre os menos favorecidos. É bem verdade, também, que nas 800 ocorrências policiais por dia, em média, que a Polícia atende diariamente na Capital, ela é solicitada para tudo. E para muitas das coisas que a Polícia é chamada, verifica-se que o problema nada tem de policial, mas de social.

Percival de Souza

434-8648



PAULISTA CAMPEÃO. (E AQUI

OITO ANOS ATRÁS, NO DIA 6 DE DEZEMBRO DE 1968, O PAULISTA SUBIA PARA A DIVISÃO

NILO FALA DO GRANDE JOGO.



Nilo: recordando

Nilo Macedo foi o meia-direita (hoje seria ponta-de-lança) do time que derrotou o Barretos e levou o Paulista à Primeira Divisão.

Está com 41 anos de idade, mas está longe de ter a convencional imagem de "veterano". Continua enxuto.

"Não tenho muita memória, mas vamos ver se me lembro. No dia da disputa havia muito nervosismo, era importante pro time ganhar. Mas a grande questão era uma dúvida de quem jogaria. Isso a gente só ficou sabendo um pouco antes do jogo".

Problemas técnicos? Problemas físicos?

QUESTÃO DE FÉ

"Nada disso, todo mundo estava em boa forma. O problema é que o Alfredinho, não sei se você sabe, tinha duas mulheres em Santos que faziam um "trabalho", ele acreditava muito nessas coisas. E como tinha jogador que levava isso meio na brincadeira, que não levava muito a sério, a gente não sabia se o Alfredinho ia ou não escalar esses jogadores".

Quais? "Tião Macalé e Raimundinho. Eles eram titulares, mas eram os tais que não iam muito nessa de "trabalho". Resultado: O Alfredinho não escalou os dois. Entraram Faguinho e Zé Luiz no lugar deles. E no fim deu certo".

Nilo acredita que tenha sido por causa do "trabalho" das mulheres de Santos?

"Não, o time estava mesmo melhor do que o Barretos. Eles tinham um problema qualquer, foram levados de volta pra Barretos, estavam cansados no dia do jogo. E o nosso time era melhor mesmo. Claro que a gente estava nervoso, era uma disputa importante. Mas o Paulista estava bom".

Alguma instrução especial do técnico Alfredinho? "As coisas de sempre. Meia-hora, uma hora antes do jogo nós conversávamos sobre a partida. Ele disse que era preciso ganhar, que a gente devia ir firme na bola, que o Paulista estava na fila há muito tempo, essas coisas todas. E falou do "trabalho"

dele, ele punha muita fé nisso".

AS PROMISSÓRIAS

Nilo não tem nenhuma lembrança especial ligada ao jogo, propriamente. Lembra-se é da festa, "um troço espetacular, coisa de louco. No trevo já tinha gente esperando o time e fazendo o maior carnaval. Foi uma festa espetacular".

E o bicho pela conquista? Foi pouco? Como foi?

"O que eles prometeram de bicho, na época foi um absurdo: 10 mil cruzeiros, muito dinheiro. Só que, na euforia de ganhar, a diretoria se esqueceu de angariar esse dinheiro, de fazer amistosos para conseguir o dinheiro. No fim, pagaram em promissórias. A minha, por sinal, tive que receber na Justiça, muito tempo depois. Não me lembro quanto tempo, só sei que foi quando o Wanderley Pires voltou a ser presidente".

Do quadro que conquistou o Campeonato de Acesso, Nilo é o único jogador que continua em Jundiaí, "o resto dispersou. Os de Campinas voltaram pra lá, foi cada um prum lado".

Alguma lembrança de vitórias?

AS PROMESSAS

"As promessas. Todo mundo fez promessas. O time inteiro fez uma: ir até Aparecida do Norte assistir missa e deixar lá a bola autografada pelo jogadores e pela diretoria. Essa bola está lá até hoje".

E o Paulista, hoje? "Não sei o que acontece, o time vai mal. Puxa, precisava se fazer alguma coisa pra melhorar o Paulista. Sem o futebol, a cidade fica como se não acontecesse nada. Futebol mexe com todo mundo. Não sei o que acontece hoje, mas acho que alguma coisa deveria ser feita para que o Paulista voltasse a ser uma alegria para a cidade".

Pelo brilho dos olhos de Nilo Macedo, se depender de sua participação o Paulista volta a ser o "Galo" que há oito anos fazia Jundiaí delirar na festa pela conquista da Primeira Divisão.

Quando o juiz José de Oliveira levantou os braços e apitou o fim do jogo, a torcida que estava no Parque Antártica passou a grifar mais forte: — Um, dois, três, chegou a nossa vez...um, dois, três, chegou a nossa vez.

Os jogadores, chorando, davam a volta olímpica, em meio a uma chuva de confete e serpentina e ao barulho ensurdecedor dos fogos. O Paulista, finalmente, era campeão da Primeira Divisão, título que lhe dava o direito de disputar o Campeonato Paulista da Divisão Especial.

Naquele dia — 6 de dezembro de 1968, uma sexta-feira à tarde — o Paulista precisava vencer para ficar com o título, e ele veio fácil. — 3 a 0, contra o Barretos.

O título começou a chegar numa falha do goleiro Xisto, aos 36 minutos do primeiro tempo: Ademir centrou da ponta-direita, Xisto saltou junto com Cardoso e a bola saiu da pequena área, com os dois jogadores no chão. O ponta



Este foi o time que levou o Paulista à Divisão Especial

esquerda Zé Luiz só teve que dar um toque fraco no meio do gol, para que a festa da torcida do

Paulista começasse. Depois de 1 a 0, o Paulista passou a jogar mais que seu adversário, mas o se-

gundo gol veio poucos minutos depois. Um minuto por

O CAMINHO ATÉ

Para chegar ao título, o Paulista disputou 19 jogos, ganhando 10 e empatando 9.

No primeiro turno, seus resultados foram os seguintes: 0 a 0 Ponte Preta, em Campinas; 1 a 1 Barbacena, em Santa Bárbara; 3 a 1 Taubaté, em Jundiaí; 1 a 1 Bragantino, em Bragança; 3 a 0 Esportiva, em Jundiaí; 1 a 1 Nacional, na Capital; 3 a 1 Saad, em Jundiaí; 2.º turno: 1 a 0 Ponte Preta, em Jundiaí; 3 a 0 Barbarense, em Jundiaí; 0 a 0 Taubaté, em Taubaté; 1 a 1 Bragantino, em Jundiaí; 2 a 0 Esportiva, em Guaratinguetá; 1 a 1 Nacional, em Jun-

diaí; 0 a 0 Saad, em São Caetano.

FASE FINAL

Com esses resultados, o Paulista classificou-se para a fase final, junto com Ponte Preta, Ferroviário de Araçatuba, Francana, Bragantino e Barretos. Todos os jogos foram disputados no Parque Antártica.

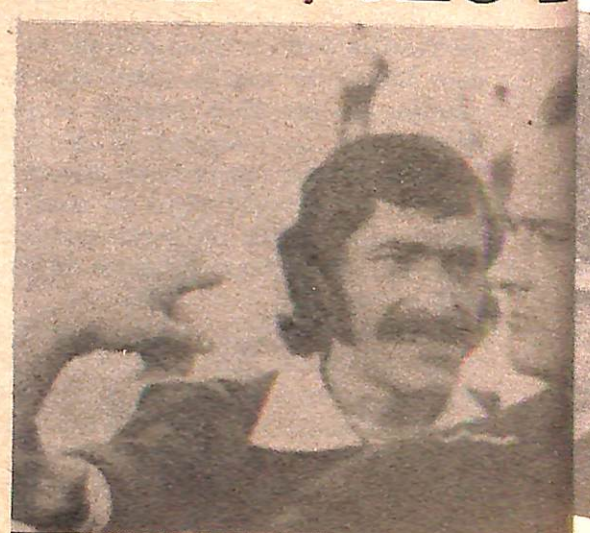
O Ferroviário, com a dupla Piter e Flávio na defesa; o Bragantino trazia como destaques o ex-goleiro do Corinthians Cabeção, Hélio Burini, Faustino; a Francana, Hélio, o artilheiro, o ponta-esquerda Caravetti, revelado no Palmeiras; a Ponte Preta, Machado (ex-goleiro

o Botafogo atualmente, Licanor, Leticos, Bezerra, o Paulista, por jogadores (Sidnei, Macalé e Veio, lista 2ª, Ferroviária, Paulista, da do Paulista, 3, Barretos, 46.105,00

O PRESIDENTE E SEU TIME

gadores — Sidnei, Cardoso, Miranda, Wagner e Aparecido. Aliando-os aos que já pertenciam ao Paulista, pudemos montar um time competitivo, com o firme propósito de ser campeão — e fomos invictos.

"Fomos campeões numa sexta-feira, dia 6 de dezembro de 68, no mesmo mês, dia 19, voltou o presidente, licenciado há seis meses, o sr. Roberto Picchi, provocando a minha saída. Depois foi eleito o sr. José Sales, que devolveu todos



Wanderley reassume em janeiro.

TERMINAM OS BONS TEMPOS).

ERA A ÚLTIMA GRANDE ALEGRIA DE SUA TORCIDA.

terceiro gol: Nilo.

— Campeão... campeão... um, dois, três, chegou a nossa vez....

No vestiário, muita gente chorava. Foguinho dava uma entrevista quando teve que parar, as lágrimas corriam em seu rosto. O presidente Wanderley Pires, entusiasmado, dizia que faria o possível para que todos os jogadores emprestados ficassem no Paulista. No lado de fora, um carnaval completo, com escola de samba, confete, talco e serpentina. Quatro pessoas seguravam a maior faixa, posando para os fotógrafos: "Não é sonho, é realidade, o Paulista é campeão".

Uma frase bem diferente daquela que um dirigente do clube repetia no começo do campeonato, como desculpa para um possível fracasso:

— A torcida do Paulista não quer que o time vá para a Especial. Na Primeira Divisão, ela está acostumada a ver o time lutar pelo título. Mas, se subir, será que ela se acostumará a ver a equipe lutar para não cair?

são aos 44 quem percebeu que Colombo e Ademir tinham sido expulsos no lance. Um minuto depois, saiu o

TÍTULO.

do (Ribeirão Preto), Samuel (Palmeiras), Roberto Pinto (Cair Bala, Adilson; o Barreto, Ulisses, Neves. E o formado basicamente emprestados pelo Guarani: Wagner, Cardoso, Tião

Os gols foram de Zé Luiz, aos 36 do primeiro tempo, Mazolinha, aos 44 do segundo, cobrando pênalti; e Nilo, aos 45. O time campeão: Sidnei, Miranda, Jurandir, Valdir e Cido; Foguinho e Ademir; Jairzinho, Cardoso (Nilo), Mazola (Amadeu) e Zé Luis. Técnico: Alfredinho. (Durante a campanha, o Paulista ainda utilizou Sérgio — goleiro titular, não pode participar do último jogo, Wagner, Cândido, Tarciso, Valdir Rancan, Dinho, Tião Macalé, Baitu, Raimundinho, Amadeu, Elias, Moacir Cipriano e ainda o técnico Alfredo Ramos).

ME CAMPEÃO.

os cinco jogadores ao Guarani. O Paulista não conseguiu se firmar na Divisão Especial, pois sofreu solução de continuidade.

"Voltarei à presidência em janeiro e os planos são inúmeros, mas o principal é incrementar a parte social para com isso obter boa receita para se montar outro bom time porque, em 78, cairão dois clubes para a 1a. Divisão. Diante disso é esperado que se monte uma infra-estrutura, fazendo do Paulista um clube

de futebol em regime de empresa.

"Aacabamos de ganhar 6 mil m2 para que ali seja construído um conjunto poliesportivo e, paralelamente, seja feito um trabalho para o aumento do quadro associativo. Atualmente, o Paulista tem pouco mais de 500 sócios. Com a A.C. será feito um contrato apenas para a venda de títulos-jóia. Se o clube tiver sócios, terá renda, com renda poderá ter um time e se tiver um time poderá disputar títulos".

DACUNTO: A MAIOR ALEGRIA EM 20 ANOS.



Dacunto continua.

Foi uma pena, um azar: o homem ali, anos a fio, correndo, levando recados, levando pedrada na cabeça, xingos do juiz, impropérios dos adversários, e quando chega na hora h, no dia d, extamente no grande dia, ele não pode estar ali, fazendo seu trabalho.

Na sexta-feira (histórica), 6 de dezembro de 1968, Dacunto, o massagista, estava com o braço engessado, no túnel dos vestiários do Parque Antártica, acompanhando a jornada heroica. Mas acompanhando de longe, pela primeira vez em tantos anos de carreira, tantos anos que agora somam mais de 20.

"Mas eu corri, chorei e abracei e vibrei com todo mundo". Talvez tenha sido esse o maior prêmio da carreira de Dacunto, ou apenas Oswaldo Pecchiori, enfermeiro-massagista profissional, 50 anos, 3 filhos, 2 netos, 2 placas de prata de agradecimento da diretoria do Paulista "por relevantes serviços prestados", uma placa de prata de despedida dos companheiros da Fepasa no dia da aposentadoria, em 1975.

Em sua casa, no Jardim Pacaembu, Dacunto não guarda (e agora se arrepende disso) anotações dos seus tantos anos de futebol. Há, é certo, algumas fotografias amareladas, que estão guardadas em lugar incerto e não sabido. A única presença visível do futebol, na paisagem da casa, é o boné do Palmeiras que ele está usando ("pena que o time esteja tão ruim"). As lembranças estão um pouco desordenadas na cabeça; foram tantos jogadores, tantos músculos a tratar, tantas contusões, tantos técnicos, tantas ordens e transmitir, que no fim tudo se mistura um pouco.

Mas a decisão, não. A maior festa da cidade, isso ele não esquece. Desde a véspera do jogo contra a Ponte, quase decisivo, o dia azarado do escorregão no chuveiro, da queda, do braço quebrado.

"Tínhamos ido treinar no campo do Caxambu. Fazia quase um mês que o time estava concentrado lá no recanto Caxambu, a gente ia treinar aí pertinho. Na volta, no banho de chuveiro, escorreguei, caí de mau jeito, quebrei o braço. No dia do jogo com a Ponte foi 1 a 1, lembra? Um bom resultado para nós — eu estava no hospital. Acordei aí pela meia noite, meio zonzo. O médico entrou no quarto e eu perguntei: quanto foi? Ele disse: 1 a 1. Eu pedi: então traz uma cerveja para comemorar. Imagine, à meia noite, no hospital".

Nos dois jogos finais, ele foi substituído pelo Glostora, um massagista famoso nas praças de futebol, lá de Ribeirão Preto..

"No dia da vitória contra o Barretos, eu lembro, o Zé Luis chorava, o Jairzinho chorava, o Cido chorava. Depois daquela festa toda fomos a Aparecida, na Basílica, cumprir a promessa, agradecer a Deus. Voltamos e dormimos no recanto Caxambu. A cidade toda achava que a gente estava voltando de Apare-

cida quando demos aquela volta triunfal pela cidade, no carro de bombeiros. Não. Saímos do recanto Caxambu, fomos para a Avenida Jundiá, e de lá o cortejo saiu pela cidade".

Dos muitos técnicos que sentaram a seu lado, no banco de reservas, Alfredinho, aquele que levou o time à vitória, talvez tenha sido o mais místico ("ele fazia uns trabalhos no calção dos jogadores, nos quartos, passava incenso, defumava, sei lá, acendia velas, essas coisas"). O mais divertido? Sem dúvida Filpo Nunes, o extravagante.

"No dia em que foi contratado, a caminho de Campinas, onde a gente ia jogar contra a Ponte, ele falava para o presidente que era o Roberto Picchi: Pixi, Pixi, aqui nestas venas corre sangue tricolor. Na volta de Campinas, ele pediu ao motorista anda rápido, anda rápido que tenho que chegar mais cedo a São Paulo. Na mesma noite ele estava assinando contrato com o Coríntians".

Dacunto, o campeão da primeira divisão, o tricolor desde os tempos de jogador juvenil lá no campinho da avenida Luiz Rosa, o pombo correio de tantas jornadas nos tempos heróicos das batalhas da Lei do Acesso, está um pouco cansado. Talvez 1976 seja sua última temporada Futebol, depois, só à distância.

— O futebol mudou, Dacunto?

"Ah, sim, o futebol mudou. Me lembro do velho Gaúcho, por exemplo, aquele beque do Paulista nos anos 50. Quando o resultado não o agradava, ele chegava nos vestiários, jogava as chuteiras na parede, gritava com os seus companheiros — essa linha não serve para nada, a gente se mata lá atrás, prá que? Agora não, o jogador profissional se ganha fica um pouco alegre, se perde fica um pouco triste, mas tudo sem nenhuma paixão. Houve até um caso — você não vai acreditar — de um jogador famoso, desses figurões que vem de time grande, já em fim de carreira (vou até omitir o nome dele, para não ficar chato) que chegou ao vestiário no fim do jogo que a gente perdeu de 3 a 1 e perguntou prá mim: "quanto foi o jogo, hein? "Imagine. Ele estava lá no campo, jogando e não sabia o resultado".

Dacunto, o que já segurou as portas do vestiário em Limeira, para evitar que a torcida arrombasse e massacrasse todo mundo, o que desceu do ônibus de tesoura em punho para não apanhar da torcida de Bragança, o que já foi centenas de vezes expulso de campo quando dava o recado para os jogadores, o que levou pedradas na cabeça em honra do Paulista, agora é quase um símbolo do time.

Terá valido a pena, tanto amor, por tão pouco? (tão pouco, sim, porque não se pode dizer que com um salário de 1.500 cruzeiros depois de vinte e tantos anos alguém possa se sentir materialmente recompensado).

"Ah, sim, valeu a pena. No futebol a gente faz muitos amigos".

VESTIBULAR

Faculdades "PADRE ANCHIETA" de Jundiá
rua marciólio dias, 299
fone, 434-1763

ECONOMIA - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CIÊNCIAS CONTÁBEIS - LETRAS: português / inglês (licenciatura plena)
CIÊNCIAS - DIREITO - PEDAGOGIA: administração escolar 1.º 2.º graus e magistério

EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO/77

TODOS CURSOS RECONHECIDOS

INSCRIÇÕES: ABERTAS



ZONA FRANCA



NÃO MANCAMOS

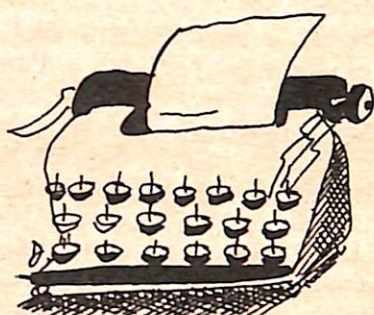
Sr. A Associação dos Artistas Plásticos de Jundiá vem através desta convidar V.Sa. e Exma. Família para o coquetel de inauguração da exposição do II Salão de Arte Contemporânea (...) Carlos Roberto de A. Motta, presidente da Comissão Organizadora.

Estivemos lá, gostamos da exposição e continuaremos a prestigiar todo e qualquer movimento que mexa com a vida cultural desta terra. Contem conosco.

DITO E FEITO

Sr. Solicito a fineza de enviarem as bases do Concurso de Contos que estão promovendo. Maria Tereza Siqueira, S. José dos Campos.

Já providenciamos. Só uma coisa, Dona Vera: jamais, jamais mesmo nos chame de "Jornal de Jundiá". Esta desculpada.



MANCADA NOSSA

Sr. Sentiríamos honrados que esse conceituado órgão da imprensa se fizesse representar no jantar comemorativo (...) Waldomiro Frigeri, presidente da ACMJ de Jundiá.

Infelizmente, caro Miro, a gente não pôde comparecer. Mas agradecemos o convite e pedimos desculpas. No 9.º aniversário a gente se vê, se ainda merecer a honra.

SUA ATENÇÃO, POR FAVOR

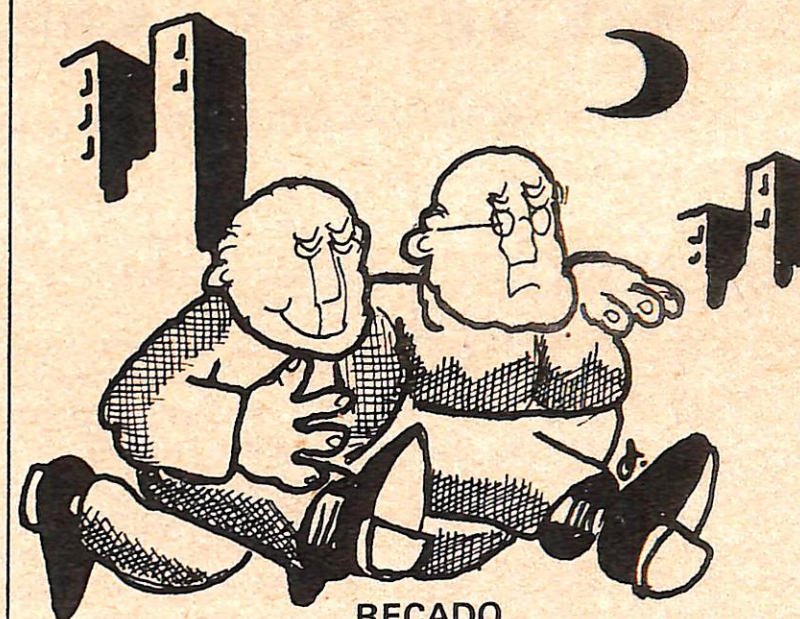
Sr. Primeiramente quero agradecer a atenção que me deram quando escrevi para esse maravilhoso jornal dando algumas das minhas, em relação a alguns desmandos administrativos (...) O Jundiense Triste.

Caro Tristão, a gente adora sua maravilhosa colaboração e suas maravilhosas críticas. Mas seria bom que você escrevesse seu maravilhoso nome, em lugar desse maravilhoso apelido. Pedimos a sua especial atenção para a próxima carta, que publicaremos na íntegra.

SERÁ QUE VAI?

Antes das eleições, muita gente me falou que o Jornal de 2a. Feira não ia continuar, o que eu achava ótimo. Mas parece que a maioria se enganou redondamente. Vocês estão firmes. Agora eu quero ver vocês meterem o pau no novo prefeito. Marcos Rondi.

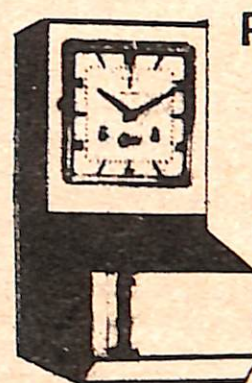
Escuta aqui, ô Marcão. Por que você não vai engazopar um tabaréu?



RECADO

É incrível o que esta vida faz com as pessoas. Ela embrutece, violenta, choca, recata e desacata, e acaba por causar talvez o maior de todos os males, a pior de todas as doenças, o mais temido dos medos: o desejo de não solidão. Embora aparentemente o resultado seja o inverso, ou seja, o isolamento cada vez mais acentuado, a realidade é outra. Basta se ver que todos nós temos aqueles amigos pelos quais desprezamos quase todo o resto; são poucos, está certo, mas todos nós os temos. Pensando nisso outro dia, me ocorreu algo: desses amigos, quantos será que aceitaríamos que chegassem a essa privilegiadíssima (em minha opinião) categoria, se os analisássemos friamente como a um sujeito qualquer, como aquele sujeito que nós encontramos no ônibus, como aquelas pessoas com a qual nós cruzamos no elevador (para aqueles que têm a felicidade de morar num belo edifício de linha

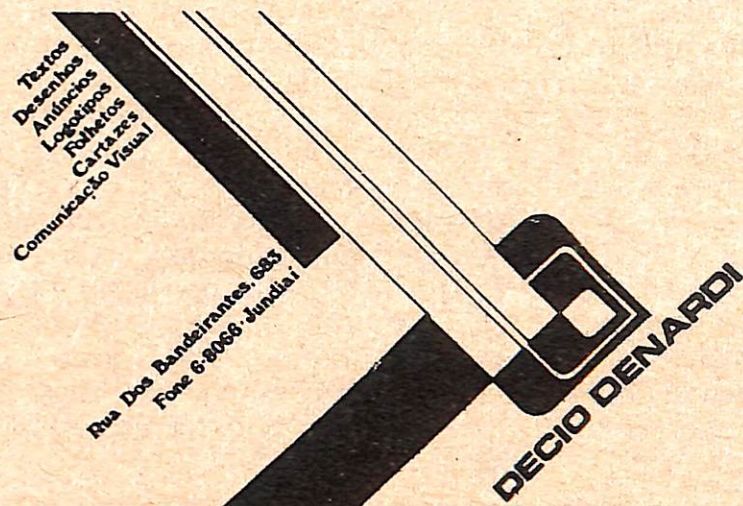
mediterrânea, colonial ou outra qualquer), como a menina da caixa da farmácia? Se os víssemos sem a capa protetora da amizade, se esquecêsemos por alguns instantes do sentimento que nos une a estas pessoas, como encararíamos certas maneiras destas pessoas dizerem, pensarem e agirem? Veja bem a esta hora você, que lê isto, já deve estar com o saco cheio disto, querendo virar a página ou acabar logo com esta (não vale ir direto ao fim, hem?) ou pode ser mesmo que você esteja achando algo lógico nisto tudo; porém, seja você como for, saiba de uma coisa: você pode, e provavelmente é, um destes referidos amigos de alguém. Só não se esqueça que, quando um cara vem lhe contar alguma coisa, ele está, decididamente, pedindo uma resposta, nem que seja para discutir com você. Se abra, e deixa de falar "tudo bem" pra tudo e pra todos. (Lico).



RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTDA

BARAO-427 FONE-6-8231



ASSINE O JORNAL DE 2ª

Basta preencher os dados abaixo e enviar para a Rua Senador Fonseca, 1044 - Jundiá

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

☐ Anual.....Cr\$ 120,00

☐ Semestral.....Cr\$ 70,00

Anexe um cheque nominal a favor da Editora Japi Ltda.

ANTENAS E TORRES

Instalamos antenas e Amplificadores para:

- TV branco e preto.
- TV em cores.

Vendemos e colocamos, torres. Trocamos arames canos e fios.

Av. Alvares de Azevedo, 403 - Fone: 436-2832.

Irineu Romanatto F. - técnico.



Isaias, um artista em paz com sua vocação.

Cromática ambiental", designação um tanto sofisticada da sua atual pintura — figuras geométricas, quase uma op-art que "puxa as pessoas, aparece bem nos salões onde estão expostas".

Como nascem seus trabalhos artísticos? "Criatividade, é só criatividade. Quando estou fazendo qualquer outro trabalho já tenho o quadro na mente". Dessa idéia inicial Isaias fez um croqui e depois parte para a pintura nas telas que ele mesmo prepara. "Mas sempre a idéia se modifica um pouco. As cores, não. Eu nem marco as cores no croqui, já tenho elas na cabeça e vou direto".

Todos os quadros da fase "Cromática ambiental" são compostos pelas cores vermelho, azul e fundo verde. "Não é bem uma fase, é uma pesquisa, um caminho que estou seguindo neste momento".

As "Cromáticas ambientais" de Isaias estiveram expostas no II Salão de Arte Contemporânea promovido pela Associação dos Artistas Plásticos de Jundiaí, encerrado domingo último. O preço de cada tela varia entre Cr\$ 1.000 e Cr\$ 1.800. "As paisagens eu cobro entre 300 e 600 cruzeiros, dependendo do trabalho".

AUMENTANDO O CURRÍCULO

Isaias acha importante participar de exposições e salões e essa é sua maior preocupação. "Estou preocupado

em divulgar e não em vender. Preciso melhorar meu currículo, e as exposições e salões ajudam. Apesar de que, aparecendo comprador eu vendo, é claro".

Já vendeu, aliás, vários trabalhos, dois dos quais em Curitiba. "Eu sinto pena quando me afasto dos meus quadros. Aliás, preciso saber pra quem estou vendendo. Esses dois de Curitiba estão num escritório. Sempre que vou para Curitiba dou uma chegada até o escritório pra ver os quadros, apesar de eu lembrar direitinho como eles são, as cores e tudo. Mas preciso dar uma espiadinha".

Isaias já participou de cinco coletivas: no Colégio Ana Pinto Duarte Paes, em 1974, quando estudava ali; III Salão Limeirense de Arte Contemporânea, e Coletiva da Associação dos Artistas Plásticos de Jundiaí, em 1975;

Isaias Francisco de Moraes ("tanto faz, com i ou com e") tem a simplicidade do menino que nasceu na fazenda "entre Wenceslau e Epitácio". E tem a deliberação que marca todos quantos se dedicam a uma atividade artística nesta terra. "Vou buscar um prêmio aí, você vai ver", diz ele quando perguntado se já foi premiado alguma vez.

Paulista de Caiuá, 22 anos, "se tirar a barba fica parecido com um menino de dezesseis", Isaias já foi vencedor, enrolador de bobina e cartazista em loja de departamentos. Até que um dia

resolveu tentar viver só do trabalho no seu atelier de pintura, onde faz painéis, cartazes, bandeirolas em silk-screen e os trabalhos artísticos.

"Sou diplomado em desenho publicitário pela Escola de Desenho e Tecnologia de Campinas". Ali aprendeu a fazer os materiais de publicidade. "Quer dizer, a gente nasce com o dom, a escola serve pra aperfeiçoar e faz a gente entrar em contato com professores e colegas que gostam da mesma coisa. Mas o curso valeu a pena", mesmo porque é com esses trabalhos de propaganda que Isaias consegue dinheiro para se manter e ajudar na casa.

Isaias é o mais novo dos cinco irmãos homens (tem mais três irmãs) e "aqui em casa todo mundo ajuda um pouco. Por isso é que nós somos felizes", diz Dona Floripes, uma simpática mineira que ficou ao lado do filho durante todo o tempo da entrevista, mostrando uma singela alegria, apesar de que "no começo eu fui contra, achava que não ia dar certo viver sem um trabalho fixo, mas ele insistia e a gente acabou concordando".

O atelier de Isaias fica no n.º 75 da Rodrigues Alves, no Jardim Danúbio. É um comodo pequeno e se parece mais com uma oficina de trabalho, como de fato é. Na ocasião da entrevista, Isaias estava preparando uma estampa em silk-screen, para um material de Natal da Casa Leopardi.

TUDO BEM

Contradição entre fazer publicidade e fazer arte? "Enquanto mexo com isto aqui já estou pensando no próximo quadro. Dependo do trabalho, minha pintura depende de mim". E assim, Isaias convive com ofertas natalinas e a IX Salão de Arte Contemporânea de Santo André e IV Salão Limeirense de Arte Contemporânea, neste ano.

Seus quadros são feitos com tinta latex sobre tela, quase sempre ao som de Pink Floyd (Isaias tem dois desenhos, espécie de posters, do seu autor favorito decorando seu atelier). "Às vezes trabalho ouvindo também Rick Wakeman, mas gosto mesmo

é de Pink Floyd". Música brasileira? "Gosto de Elis Regina, mas durante meu trabalho ouço música orquestrada, às vezes no FM, às vezes música clássica".

Exceto a denominação de sua atual série de trabalhos, nada é sofisticado na pessoa e na obra de Isaias Francisco Moraes. E esse moço simples está se preparando para atender a dois convites para exposições individuais; do SESC e da Prefeitura, ambos de Campinas.

"Mas ainda preciso trabalhar muito, antes de marcar a data. Quero apresentar uns 20, 25 trabalhos". Mesmo assim, tem que arranjar tempo para o material de Natal da Casa Leopardi. E vai em frente.

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone: 434-8648

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n — J. Messina
Fone: 4-1666

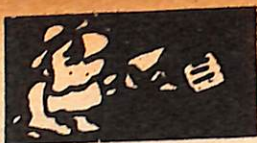
SUPERMERCADO

* ELIAS *

ONDE VOCÊ FAZ
MAIS ECONOMIA



R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO



Taxi Driver, o melhor filme da semana.

Os dois melhores filmes da semana estão no Marabá: Dona Flor e Seus Dois Maridos até o dia 10 e em seguida entra "Taxi Driver" (Motorista de Táxi), de Martin Scorsese, com Robert De Niro. No Ipiranga você pode escolher entre coisas como "Helena, a Insaciável" (dias 6 e 7), "As Moças Daquela Hora" (8 e 9), "A Escrava do Super Erótico" (10 e 11) e "Dragão Chinês" (dia 12).

TÁXI DRIVER

Escrito por Paul Schrader e dirigido por Martin Scorsese (o realizador de "Alice não Mora Mais Aqui"). "Taxi Driver" chega precedido não só de boas recomendações da crítica norte-americana e européia como também do prestígio de prêmios em festivais internacionais (Cannes, por exemplo). É a história de Travis, um solitário veterano de guerra do Vietnã que, para combater seu espírito introvertido e sua insônia, decide trabalhar como chofer de táxi.

Na execução desse trabalho, vai registrando suas impressões num diário e sentin-

do sua transformação interior. Ele observa os passageiros e tudo ao seu redor. Mas, mais do que isso, anota as mudanças e os estímulos que recebe nas ruas de Nova York. Não vê muito sentindo no rumo que sua vida está tomando, até que se interessa por Betsy, uma jovem que trabalha na campanha política de um senador, Charles Palantine (Leonard Harris).

No início, Betsy (Cybill Shepherd) parece atraída pela personalidade inquieta de Travis. Mas, logo no segundo encontro, percebe que nada tem a ver com um chofer de táxi. Travis, no entanto, não pensa assim e tenta novas formas de aproximação.

OS ATORES

"Taxi Driver" teve ótima receptividade tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. Mas tem a seu crédito, além da Palma de Ouro do Festival de Cannes, o engajamento de profissionais do mais alto nível do cinema americano. Robert De Niro, que faz o papel de Travis, já é um ator consagrado pelo Oscar que ganhou por sua interpretação em "O Poderoso



Robert de Niro

Chêfão n.º 2" e os elogios cada vez mais entusiasmados da crítica. Também Cybill Shepherd, que faz a bela e cruel Betsy, se tornou famosa depois que Peter Bogdanovich a revelou no seu primeiro filme, "A Última Sessão de Cinema". Merece destaque também o trabalho musical de Bernard Herman — o último de sua carreira: ele morreu em dezembro do ano passado, pouco depois de concluir esse trabalho — que foi premiado com o Oscar da Academia em "Cidadão Kane", de Orson Welles.

O filme foi todo rodado em Nova York. Exteriores e interiores foram cuidadosamente escolhidos. Para captar todo esse clima agressivo a participação do fotógrafo Michael Chapman foi decisiva. Participam ainda do elenco Jodie Foster, Albert Brooks, Harvey Keitel e Peter Boyle (que fez o papel do mostro no filme de Mel Brooks, "O Jovem Frankenstein").

SCORCESE

Martin Scorsese começou seus trabalhos cinematográficos quando cursava a Universidade de Nova York; lá

fez seus primeiros filmes de curta-metragem para o departamento de cinema. Isso foi em 1963. Em 1969, fez seu primeiro longa-metragem, "Who's that knocking at my door?", não exibido no Brasil. Depois veio "Street Scenes" (Cenas de Rua), também inédito aqui, realizado em 1970. Seu primeiro filme exibido no Brasil foi "Boxcar Bertha", que aqui se chamou "Sexy Marginal" (???), produzido por Roger Corman.

Em seguida, fez um de seus filmes mais famosos, também inédito entre nós: "Mean Streets", que, de certa forma, retoma seu ensaio anterior sobre as ruas de Nova York. Marca também seu primeiro encontro com Robert De Niro, quem em "Taxi Driver" faz o papel principal, retomado, talvez em maior profundidade, o tem que parece ser uma constante de seus filmes: os caminhos d indivíduo frente à repressão social e o contexto em que essa luta se dá.

Mais recentemente, foi exibido no Brasil seu penúltimo trabalho, "Alice Não Mora Mais Aqui".

artes plásticas

E APARECEU A ARTE REGIONAL.

Quando a Associação dos Artistas Plásticos de Jundiaí realizou as primeiras reuniões para a organização do II Salão de Arte Contemporânea (de 27 de novembro a 5 de dezembro), já ficaram bem delineadas as características da nova proposta idealizada. Em primeiro lugar, registrar nosso momento artístico em termos regionais.

Para isso, qualquer seleção de obras iria descambar para uma perigosa similitude com salões já realizados e que nunca representaram verdadeiramente a arte regional. Quanto à ausência de prêmios, eles seriam um flagrante contrasenso, já que o objetivo não era decidir qual a melhor das obras, mas sim reuni-las como um todo.

Os 36 expositores que se apresentaram no salão, montado no segundo pavilhão do Parque Comendador Carbonari, talvez não tenham sido suficientes para

o total sucesso da proposta, mas sua representatividade, de qualquer modo, foi inegável.

Paralelamente, o professor Ivo Costa Mesquita ministrou um curso de História da Arte no salão nobre da Biblioteca Municipal durante duas semanas. Em rápidas pinceladas e com a ajuda de muitos slides, ele descreveu os caminhos da arte para os poucos que se dispuseram a pagar os Cr\$ 70,00 de inscrição, uma taxa necessária.

Como um gran-finale, no último dia da exposição, foram crianças que receberam material de pintura e muita liberdade para criação. Já que são muito poucas as oportunidades oferecidas a elas de receberem um estímulo dessa ordem.

Depois de tudo isso, pode-se chegar a algumas conclusões. Primeiramente, a arte regional mostrou-se engatilhante, quer pela falta de formação artística de seus

autores, quer pela ausência, em alguns casos, do domínio da técnica empregada.

Os poucos participantes do curso de História da Arte também representaram o completo marasmo em que vivem os estudantes e a população em geral no que diz respeito a arte. Se não houve uma rejeição ostensiva, pelo menos resta o consolo de que existe um interesse profundamente adormecido e que, por ora, não foi possível despertar.

Em termos de proposta, o II Salão de Arte Contemporânea atingiu os ideais de seus organizadores. Se ele não teve a ressonância para fazer todos os centros culturais se curvarem diante de nossa pobre arte regional, ao menos documentou até com alguma precisão, o que vem a ser essa desconhecida. O que não deixa de ser um estímulo para se tentar novamente. (C.K.I.)

televisão

Dia 3 de janeiro: Regina Duarte, de novo na televisão.

A próxima novela das 22 horas, na Globo, começa a ser apresentada no dia 3 de janeiro de 1977: "Despedida de Casado", de Walter George Durst.

Os dez primeiros capítulos já foram gravados e começaram a ser editados na semana passada. A telenovela teve algumas cenas realizadas em São Paulo, dirigidas por Gonzaga Blota, enquanto o supervisor e diretor do Núcleo, Walter Avancini, prossegue os trabalhos no Rio.

"Despedida de Casado" tem como tema central o processo de um casal que, depois de onze anos de união, começa a se desintegrar e procura a ajuda de um psiquiatra com o objetivo de reconquistar o relacionamento. Segundo o resumo preparado por Walter Durst, os personagens Stela (Regina Duarte) e Rafael (Antonio Fagundes)



Regina Duarte de volta

podem ser comparados a Romeu e Julieta, pela identificação com esses dois símbolos românticos. É a fidelidade ao amor que os leva ao consultório do dr. Lalo (Cláudio Marzo), que servirá de ponto de partida para o desenvolvimento das histórias de todas as demais personagens da novela.

Jornal do Disco

Edu Lobo, de volta.

Edu Lobo, vencedor de vários festivais, músico, poeta, compositor e maestro, está de volta. Ficou quatro anos nos Estados Unidos, inteiramente dedicando-se à música, compondo trilhas sonoras, pesquisando, estudando composições, arranjos e agora retorna ao disco com "Limite das Águas" (lançamento Continental), uma de suas melhores produções.

Aqui ele deixa de lado a erudição e sofisticação para se mostrar de forma simples e acessível. Um retorno às suas origens, como ele mesmo diz, lembrando a época em que compôs "Ponteio".

"Limite das Águas" tem composições inéditas, como "Negro Negro", "Considerando", e "Repente", composições feitas em parceria com Capinam; com Guarnieri, juntos desde "Arena Canta Zumbi", ele compôs "Cinco Crianças" e "Segue o Coração"; há ainda "Uma vez um caso", "Toada" e "Gingado Dobrado", onde ele se apresenta com um novo parceiro — Casaco (nome real, Antônio Carlos Brito) —, que já foi parceiro de Elton Medeiros e Maurício Tapajós.

A única que é apenas musicada é "Limite das Águas". Capinam fez um poema em cima dessa música que, segundo a apresentação do disco feita pela gravadora, "ficou tão bonito



que ele nem quis musicar, mas fez questão de colocá-lo na contra-capta do disco". Um trecho:

"Qual o limite das águas/ a margem que reprime o rio/ o rio que devora a margem/ eu digo então que os meus olhos não são olhos, são imagens/ eu digo então que as imagens não são imagens, mas visagens/ e as visagens personagens/ pessoas dos olhos, passagens".

LADO A

A revista *Jours de France*, deste mês, traz um comentário de Gaston Laurent sobre os discos de Jorge Ben e Gal Costa. Gaston elogia bastante Jorge Ben, "um dos grandes nomes da música brasileira". Gal Costa também é elogiada — mas mais discretamente — por seu "Gal Canta Caymi". Explica-se: "a princesa da canção brasileira", como é chamado pelo crítico francês, é ainda desconhecida na França. Mas Gaston acha que ela tem "potencial para um grande sucesso na Europa".

Por falar em Jorge Ben, está sendo muito elogiado pela crítica brasileira seu trabalho mais recente, "África-Brasil". É da Phonogram.

Outra novidade da Marcus Pereira: compacto duplo de Sérgio Ricardo com as músicas da peça "Ponto de Partida".

Sônia Lemos já pode fazer parte do time de Beth Carvalho e Clara Nunes. É o que dá para se concluir depois de ouvir seu primeiro LP, "Pérolas de Agônita", lançado pela Continental. Com quase dez anos de carreira, tem agora sua grande oportunidade no disco, cantando com estilo próprio e em condições de agradar muito a quem gosta de samba e choro.

LADO B

Rosemary está na praça, com o LP de seu show no Beco, "Rose, Rose, Rosemary". Os arranjos e a regência são do maestro José Briamonte e a produção de Paulo Roberto. Repertório variado: vai de Cole Porter a Caetano Veloso.

Outra novidade da Continental: "Reencontro", com Moacir Franco. Andou sumido do disco durante algum tempo mas aparece agora com muitas chances de entrar nas paradas, ainda mais com seu programa dominical para reforçar. A principal faixa é a que dá título ao LP.

"Besame Mucho" está chegando perto de sua milésima gravação, pelo jeito. Agora é a vez de Anania, uma boa intérprete, que vai surpreender a muita gente. Os arranjos deste LP são de Julio Jaramillo.

"Atmosphere For Love and Thieves", de Ben Webster, é outro LP da Continental, dedicado aos apreciadores do jazz; o saxofonista Ben Webster é acompanhado ao piano por Kenny Drew. "Stardust", "What's New", "Autumn Leaves", "Easy Love" e "My Romance" são algumas das faixas.

VARIEDADES

Jornal do Livro

Os lançamentos das editoras.

Já está em sua quarta edição o livro do desenhista, muralista, pintor e cronista Carybé, "As Sete Portas da Bahia". Ele reúne em prosa e desenho toda a beleza de sua cidade, Salvador, focalizando o folclore de um modo muito especial. Sem exagero, é um documentário poético e artístico.

Alguns dias depois do lançamento de um livro sobre os bastidores do rádio (Renato Murce) aparece um sobre os bastidores da televisão. É "Silêncio no Estúdio", de Edna Savaget, lançamento da Editora Record. A autora, com muita vivência nos meios da televisão, diz o seguinte na introdução do livro: "Para todos que vivem e morrem pela (e da) televisão em nossa terra. Sobre tudo os românticos e sonhadores. E, sobretudo, também, aos que não sendo românticos nem sonhadores — e muito menos artistas — sofrem com o talento alheio".

Lançamentos da Revista dos Tribunais (rua da Assembléia, 34/ 503): "Revista de Direito do Trabalho" n.º 3, ano I; "Conceito de Sistema no Direito", de Tércio Sampaio Ferraz Júnior; e "Nulidades no Processo Penal", de Paulo Sérgio Fernandez. Ainda para advogados e estudantes de Direito: a Livraria Freitas Bastos está anunciando para breve o lançamento de importantes títulos na sua coleção jurídica. Entre eles o Código Penal Brasileiro Comentado, 8a. edição. Terá em apêndice a Nova Lei Antitóxica n.º 6368, de 12/10/76; "Direito Agrário — Estudos", de Rafael Augusto de Mendonça Lima; "Curso de Direito Administrativo", 10a. edição, de Themístocles Brandão Cavalcanti; e "História do Direito (Especialmente do Direito Brasileiro)", 2a. edição, do professor Haroldo Valladão.

Da Nova Fronteira: "Iniciação à Pintura" de Edson Motta e Maria Luiza Guimarães Salgado", uma das boas novidades do mês.

Para quem está interessado em livros importados — Engenharia, Computação, Economia, Administração, Matemática, Física, etc — aqui vai o endereço da Livraria Ciência Moderna (atende pelo reembolso postal): "Caixa Postal, 4420-ZC, Rio de Janeiro, RJ.

A Record já está distribuindo a obra de Luigi Natoli, "Os Beatos", que trata de um gênero de literatura há muito desaparecido: o romance de cavalaria. Luigi Natoli traz de volta o romantismo dos cavaleiros andantes, numa história situada na Sicília do século XVIII, quando o ressurgimento de uma antiga seita de justicheiros, os Beatos Paoli, vem abalar a rígida estrutura de uma nobreza que detinha, à custa do povo, todos os direitos e privilégios. Boa leitura.

Lançado pela Editora Nova Aguilar: "José Lins do Rego — Ficção Completa". São dois volumes. O primeiro tem "Menino De Engenho", "Doidinho", "Bangue", "O Moleque Ricardo", "Purra" e "Pedra Bonita"; o segundo traz, além das memórias do autor — "Meus Verdes Anos" — "Riacho Doce", "Água-Mãe", "Fogo Morto" (o filme chega logo a Jundiaí), "Euridice" e "Cangaceiros". Um dos melhores amigos do autor, José Montello, faz uma análise crítica sobre José Lins do Rego, o romancista e o homem.

A Editora Aurora acaba de lançar "Sociedades Secretas", de A. Tenório D'Albuquerque. É um estudo detalhado sobre as diversas organizações secretas, abordando tudo a respeito delas e de suas modalidades. Com todos os seus mistérios e objetivos.

PROGRAMA

Restaurante: a especialidade das Carpas é o peixe, e aí vão três boas opções: no espeto com arroz à grega; frito à doré; e frito à meunier, esses acompanhados de batatas cozidas e molho tártaro. A bebida indicada é o vinho branco da casa. Endereço: rua das Carpas, s/n.

Clube Jundiaense: na sede de campo, dia 11, o conjunto "Batuca Ges" estará animando o Baile dos Casais.

Grêmio: sábado, baile da Juventude com o "Som Vox 6" (traje esporte) e domingo brincadeira dançante com "A Gota".

Caxambú: dia 11 será o Baile das Férias com "A Kripta".

Banda: mini-baile com o conjunto "Biel Boys", sábado. Domingo brincadeira dançante com "Lorens Musical Show".

Nacional: dia 11, Baile do Planeta com o conjunto "Urânio".

O J 2.a tem prêmios para os contistas.

Com o objetivo de incentivar o aparecimento de novos valores e de estimular a literatura em nossa cidade, o Jornal de 2a-Feira está criando o I Concurso de Contos de Jundiaí. Poderão concorrer todos os interessados, e os contos serão julgados por uma Comissão a ser anunciada oportunamente pelas páginas do Jornal de 2a. O melhor conto será premiado com 3 mil cruzeiros. O segundo colocado com 1.500 cruzeiros, e o terceiro colocado receberá 500 cruzeiros. Prazo de entrega: até 15 de janeiro.

Este é o regulamento do I Concurso de Contos:

- 1— O I Concurso de Contos de Jundiaí, criado pela Editora Japi, proprietária do Jornal de 2a-Feira, oferecerá 3 mil cruzeiros ao vencedor, 1.500 cruzeiros ao segundo colocado e 500 cruzeiros ao terceiro colocado, de acordo com o julgamento da Comissão a ser designada pela leitura e seleção dos textos;
- 2— poderão concorrer todos os interessados, sem qualquer limite de idade e sem qualquer outra distinção;
- 3— os trabalhos enviados devem ser inéditos;
- 4— os temas serão de escolha absolutamente livre dos concorrentes;
- 5— todos os candidatos ao concurso deverão enviar seus trabalhos

sob pseudônimo, em cinco vias, ao Jornal de 2a-Feira, rua Senador Fonseca, 1044, Jundiaí, CEP 13.200. Em envelope à parte fechado, deverão ser colocados o nome real, o pseudônimo, o endereço, dez linhas de dados pessoais;

6— os trabalhos deverão ser datilografados em espaço duplo numa só face do papel, com uma média aproximada de 30 linhas de 70 toques por página;

7— os trabalhos devem ter as seguintes dimensões: mínimo de 2 páginas datilografadas, máximo de 14;

8— os três primeiros colocados serão publicados nas páginas do Jornal de 2a.; outros trabalhos, mesmo não premiados, poderão ser publicados, a critério da direção da Editora Japi;

9— os trabalhos deverão ser entregues até o dia 15 de janeiro de 1977;

10— os resultados do concurso serão divulgados num prazo não superior a dois meses a partir da data do encerramento do concurso; os prêmios serão entregues em data a ser fixada, e que será publicada pelo Jornal de 2a-Feira;

11— os casos omissos serão resolvidos pela direção da Editora Japi.



"Olhando o futuro, criando uma nova psicologia do jornalismo, ao importarmos máquinas avançadas, sentimos o ímpeto do amanhã, que é uma das marcas de tudo o quanto se constrói de digno e superior na cidade". (Jornal da Cidade, edição comemorativa de inauguração de sua impressora off-set, 27/11)

"Há certos jornais que parecem acreditar que a dignidade se adquire com guias de importação da CACEX". (Sandro Vaia, "Jornal de 2a.", 11 a 17/11)

"O melhor que se pode fazer a um favelado é valorizar o seu potencial, dar-lhe um voto de crédito e ajudá-lo a desenvolver seu espírito comunitário". (Vic-tório Bhering Cabral, diretor tesoureiro da Associação Comunitária, Jornal do Brasil, 28/11)

"É impressionante como os presos têm necessidade de falar de seus proble-mas, de sentir que há alguém interessado em ouvi-los". (Glória Frância Sala-verry, delegada de Cotia, JB de 28/11)

"A gente continua fazendo cinema por heroísmo. Só pode ser por isso, não existe outra explicação. O cinema brasileiro vive da luta pela sobrevivên-cia, sozinho, enquanto o filme estrangeiro leva vantagem em nossa própria terra". (Ítala Nandi, atriz)

"É, para mim, Machado de Assis foi uma descoberta imensa. Menino de 15, 16 anos, fiquei fascinado pelo Machado, que eu descobri na Biblioteca Normal de Montes Claros. Li primeiro os contos. Naquele tempo, havia o machadiano e os ecistas. Eu era partidário de Machado. Hoje sou dos dois". (Ciro dos Anjos, escritor)

"A pílula oferece um risco técnico de aumentar a incidência do câncer na mama, possivelmente relacionado com o tempo de uso, dosagem de estrogênio do

produto e características da usuária. Daí a importância da administração da pílu-la sob controle médico. Experiência realizada durante alguns anos nos Estados Unidos com cadelas de raça perdigueira submetidas a determinado tipo de pílu-la demonstrou alta probabilidade de câncer na mama. Evidentemente, temos de levar em consideração o fato de que nem sempre as experiências feitas em ani-mais são transferíveis na sua totalidade para o ser humano". (Professor José A. Pinott, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de Campinas)

"Há muitas pessoas neste país (EUA) que têm as mesmas convicções religio-sas que eu. Não há nada de misterioso ou mágico nisso. Mas, para aqueles que não conhecem o sentimento de alguém que crê em Cristo e que está ciente da presença de Deus, para esses, evidentemente, tudo fica sujeito e estranho". (Jimmy Carter, presidente eleito dos Estados Unidos, batista)

"O ano letivo encolhe nas salas de aula mas aumenta nas mensalidades. Ago-ra, os colégios e faculdades estão, todas, adotando o sistema das pré-matrículas. Na teoria, é um depósito prévio que se faz para garantir a matrícula no início do ano. Se a inscrição não é confirmada, o dinheiro fica retido". (Jornal do Brasil, 16/11)

"Há 30 anos trabalhando em jornal, vinte dos quais em Jundiaí, Waldemar (Gonçalves) conta sua vida e a vida da imprensa em nossa cidade". (Jornal da Cidade, edição comemorativa da inauguração de sua off-set; 27/11)

"Uma pessoa pode ser jornalista há 20 ou 50 anos e não ser um bom pro-fissional. No entanto, uma outra pode entrar num jornal pela primeira vez e se revelar um grande jornalista". (Mariazinha Congílio, escritora e jornalista, mes-ma edição do JC)



IMOBILIÁRIA RAMI

ANDRÉ MARQUES — Corretor — Creci 3330

Oriovaldo Pereira e José Ribeiro — Auxiliares

Casa Central
Própria p/ clínica, 12 como-dos, 3 banheiros, garagem p/ 4 carros. Toda mobiliada, telefone e persianas. Rua com todos os melhoramentos e ônibus de diversos bairros. Preço e condições a com-binar.

Jardim Brasil (terreno)
Terreno plano. 12x31, com água, luz e esgoto. Preço: Cr\$ 380.000,00 à vista.

Jardim Brasil (Terreno)
15x30, plano com água, luz e esgoto. Preço Cr\$..... 450.000,00, entrada 60% e o saldo a combinar.

Parque Brasília (terreno)
Próximo do Novo Ginásio. 291 m2. Plano com água, luz, esgoto e asfalto. Preço Cr\$ 80.000,00 à vista.

Louveira (Chácara)
22.000 m2, água corrente, luz, 10.000 pés de uvas produzindo, lugar pitoresco. Preço Cr\$ 350.000,00 à vista.

Chacrinhas Itatiba
A 500 m. do asfalto. 2.500 m2, planas com luz - lugar agradável, com bosque e lago. Preço Cr\$ 200.000,00, entra-da Cr\$ 50.000,00. Saldo 30 meses sem juros.

Centro (terreno)
Terreno com área de 358

m2 com todas benfeitorias. Contendo uma casa antiga. Propício para um sobrado ou salão comercial. Preço: Cr\$... 330.000,00 à vista.

Vila Jundiainópolis (terreno)
Próximo ao Grupo Escolar, terreno 10x50. Plano com água e luz. Preço: Cr\$..... 90.000,00 à vista.

Vila Rami (Terreno)
1.500 m2, com água, luz e esgoto, asfalto. Preço: Cr\$... 500.000,00 a combinar.

Área
Propício para Clube de Cam-po. A 6 km do centro, 5 al-queires com matas, água nascente, cercada e fazendo di-visa com 3 estradas. Topogra-fia 80% plana. Preço e con-dições a combinar.

Louveira (Chácara)
22.500 m2, plana, cercada, contendo galpão, água corren-te e luz, pequeno pomar. Preço: Cr\$ 450.000,00 à vis-ta.

Jardim Guanabara (nova)
3 comodos e banheiro, com água e luz. Terreno 10x25. Preço: Cr\$ 95.000,00 à vista.

Fazenda Guapeva
110 alqueires — sendo 40 al-queires de matas, ribeirão, 15 nascentes. Casa sede — 5 casas de colonos. Topografia 80% plana. Linda vista panorâmica

Compra e venda de casas, sítios, chácaras, fazendas e loteamentos — equipe espe-cializada em serviços de terraplanagens, levantamentos topográficos, plantas, inven-tário e documentos em geral.

Atende-se ininterruptamente todos os dias das 8 às 18 horas.
Sábados, domingos e feriados com plantão.

Rua Bom Jesus de Pirapora, 2.794 — 1.º andar — s/2 - Fone: 434-9996 — Jundiaí
São Paulo

banhada pelo rio Tiete. Docu-mentação impecável com cer-tidão quinquenária. A 60 km de São Paulo c/ acessos a grandes rodovias. Preço: Cr\$.. 8.000.000,00 a combinar.

Ponte São João — Próxima a Duratex

3 quartos, sala, cozinha, ba-nheiro, garagem, forrada, ta-queada com água, luz, esgoto, e rua asfaltada. Terreno 10x 45. Preço: Cr\$ 350.000,00 a combinar.

Vila Rami
Próximo ao Grupo Escolar. Nova, 3 quartos, sala, copa, cozinha, 2 banheiros, gara-gem, forro de lage, pisos com sinteco, azulejos decorados, jardim frontal e um peque-no quintal. Preço: Cr\$..... 550.000,00 a combinar.

Vila Progresso (nova)
3 quartos, sala, copa, co-zinha, 2 banheiros, abrigo, forro de lage, piso tacos, azulejos decorados até o teto, pisos vitrificados. Com água, luz, esgoto e asfalto. Preço Cr\$ 800.000,00 pode ser financiada pela caixa.

Próximo ao Grupo — Vila Rami
Recém-construída, 2 quartos-sala, cozinha, banheiro, abri-go, lavanderia e salão de fes-

tas c/banheiro, forro laje, pisos com azulejos decorados até o teto, com água, luz e esgoto. Preço Cr\$..... 480.000,00 à vista.

Áreas
Para loteamento a 5 km do centro temos a venda 160.000 m2. Preço Cr\$..... 35,00 por m2. Com todos melhoramentos.

Bar
Um bar contendo balcão fri-gorífico, corta frios, balança, churrasqueira, petisqueira, balcão de fôrmica a volta toda, máquina de sorvete Kibon, vitrine de doces, baleiro, es-premedor de frutas, porta ci-garros, prateleiras de frutas, extintor de incêndio e vazi-lhame, boa freguesia. Alu-guel do salão e casa de 3 comodos — Cr\$ 1.500,00 mensais. Preço: Cr\$..... 75.000,00, entrada de Cr\$... 40.000,00. Saldo de Cr\$.... 2.000,00 por mês.

R. Santa Inês. Vila Rami (ter-reño)
10x25, plano com água, luz e esgoto. Contendo 3 comodos simples. Preço: Cr\$..... 190.000,00 à vista.

Vila Rami (casa)
Próxima ao Super-Mercado Elias. Contendo 1 quarto, sala, cozinha, banheiro, 1 co-modo p/ despejo, forrada e taqueada, entrada para carro.

Terreno 9x35. Preço: Cr\$... 330.000,00 à vista.

Vila Mafalda (casa)
2 quartos, sala, cozinha, ba-nheiro, forrada, taqueada, quintal cimentado, azulejo na cozinha e banheiro, com água luz esgoto e asfalto. Preço: Cr\$ 250.000,00 à vista.

Chácara — Estrada de Itatiba
A 1km do asfalto, 9.300 m2, plano, cercado, água nascente, e córrego, algumas plan-tas. Preço: Cr\$ 350.000,00 à vista.

Proximo ao Geva (Terreno)
388 m2, com água, luz, es-goto e asfalto. Preço: Cr\$... 240.000,00 entrada — Cr\$... 100.000,00, saldo 30 meses.

Jardim do Lago (Terreno)
2 lotes juntos de 12x25 cada. Preço: Cr\$ 40.000,00 à vista (cada um).

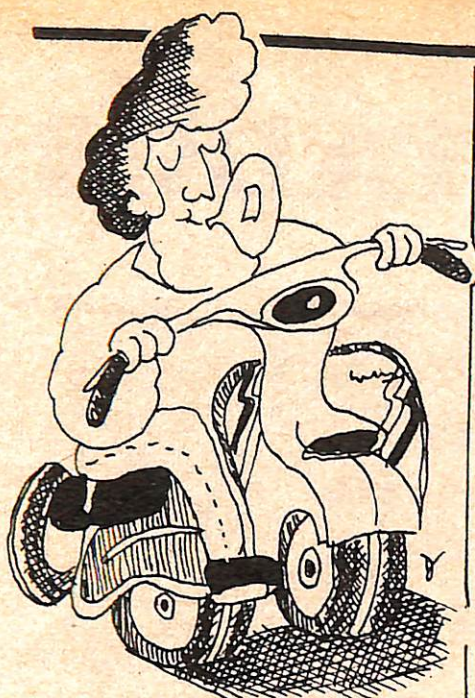
Vila Rami (Área)
de 13.000 m2. Plano com to-das benfeitorias. Preço: Cr\$... 500,00 por m2 a combinar.

Área Industrial
10.000 m2 com água e luz. Perto da Anhanguera. Preço: Cr\$ 100,00 por m2.

Rua Pascoal Guzo (Terreno)
10x19, plano com todos me-lhoramentos. Preço: Cr\$..... 170.000,00 à vista.

ASSINE O JORNAL DE 2ª

disque: 434-8648



PARA AS CRIANÇAS, TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO GRÁTIS

Jundiaí e as cidades vizinhas estão contando com os serviços gratuitos especializados do Ambulatório de Psiquiatria Infantil, mantido pela Faculdade de Medicina de Jundiaí. Ele funciona no Hospital São Vicente de Paula todas as terças-feiras, das 9 às 11 horas.

O pessoal que atende é constituído por psicólogos e médicos psiquiatras, muito bem selecionados. Todos estão à disposição dos familiares de crianças que necessitam de consulta e tratamento psiquiátrico. Tudo "no peito", não é preciso gastar nada.

QUEM É O PATRÃO?

- Então, dr. Candido, perdeu a eleição em Jundiaí?
- Eu não era candidato...
- Mas o "seu" prefeito tinha um candidato...
- Eu não tenho prefeito. Ou melhor, o "meu" prefeito é o de São Paulo, Olavo Setúbal.

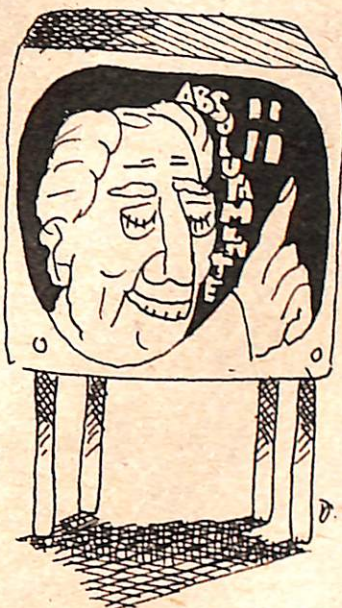
(Diálogo entre um jornalista e o dr. Candido Malta Campos Filho, titular da Cogep-Coordenadoria Geral de Planejamento de São Paulo e assessor da Prefeitura de Jundiaí para assuntos de planejamento). (J.M.)

MORTOS, MAS INSEPULTOS

Comentário ouvido em uma rodinha maledicente: "o que será desse pessoal que tentou a reeleição e não conseguiu? Será que eles vão tentar de novo, daqui a quatro anos? Será que vão desistir? Resposta: "o povo fez o mais correto. Só falta, agora, mantê-los debaixo de sete palmos de terra pra não haver perigo". (Kazuo)

80 A ZERO PRO CORÍNTIANS

Depois de ver o Corinthians, esqueci de desligar a tevê e vi o "8 ou 800" da Globo. O futebol, qualquer futebol, dá de goleada nas "emoções" que Paulo Gracindo provoca na massa ignorante. (E.M.)



NOVA IMPRESSÃO

Azar, muito azar do "Jornal da Cidade". Justo agora que aquela editora está imprimindo o segundo jornal em off-set de Jundiaí, só acontecem tragédias para serem impressas.

Antes era cidade do futuro, água pra todo mundo, asfaltos quilométricos, o progresso, enfim.

De repente, é só esgoto, vila abandonada. Mas que grande azar. Justo agora, na "nova era". (E.M.)

JORNALISMO MODERNO

"O JC iniciou ontem a sua vida com uma proposta de jornalismo sério, honesto e acima de tudo moderno" (coluna Mosaico Esportivo, Jornal da Cidade de 28 de novembro, domingo, página 13). Logo ao lado, na mesma página 13, uma matéria com o título "Deslealdade", xingando os dirigentes do Paulista. Motivo: eles convidaram o jornal concorrente, o JJ, para fotografar a contratação do novo técnico, Roberto Belangero que aconteceu num jantar no "Aveirense", e não convidaram o JC, que teve uma crise de ciúmeira. E vai além: o jornal confessa que muitas vezes ajudou o Paulista deixando de publicar "coisas simplesmente ridículas" que os seus dirigentes fizeram. Então o jornal se confessa omissos e se sente traído porque não foi convidado a comer o bacalhau do Aveirense como foi o JJ. Talvez se o Paulista tivesse distribuído igualmente o regaço entre todos, estaria tudo em paz entre eles. Dirigentes maravilhosos, imprensa maravilhosa. Jornalismo moderno, é isso aí, bicho. (S.V.)

SEGUNDO CLICHÊ

Quase na horinha de encerrar este número, chegou a notícia (não confirmada): o Lp "Meus Caros Amigos" não terá nova prensagem. Quer dizer, acabando os que já foram prensados, tchau mesmo.

Por isso, corra, brigue, se esforce, rapaz. Ou você vai perder coisa boa. (E.M.)

UNHAS E DENTES

Cartas de vários lugares já chegaram pedindo detalhes sobre o nosso "I Concurso de Contos de Jundiaí". É que vários jornais estão divulgando o certame (argh!).

Por isso, jundiás, caprichem nos seus continhos, porque terão que brigar com gente que transa concurso como quem escova os dentes: sempre que tem.



ATUALIDADE

Terça-feira passada assisti "Globo Repórter", que mostrou uma segunda parte de uma reportagem sobre os Kennedy. Achei um lixo e explico.

Levando-se em conta que a última grande notícia a respeito da azarada família de políticos foi o anúncio da não-participação de Ted na disputa para a presidência, a reportagem — que só mostrou coisas já divulgadas antes — poderia ter sido muito analítica, mais comentada, do que simplesmente uma coleção de flashes-back das tragédias. Em vez de re apresentar tiros e mortes, poderia ter analisado tudo isso.

Ou será que o teipe é de 74 e só agora estourou no Ibope da Globo? (E.M.)

VONTADE DE CHORAR

Toca no radinho da Lúcia. Gente quase boa canta. Pensei comigo: deve ter alguma coisa.

Assim, assisti outro dia um capítulo de "Estúpido Cupido"

Não dá. Se aquilo é nostalgia eu queria ter morrido ontem. (E.M.)

TUDO NOVO, DE NOVO



Ouvi dez vezes, por enquanto, o LP "Meus caros amigos", de Chico Buarque.

Não dá pra comentar. Você vai ter que comprar o disco, para concluir aquilo de sempre: é a melhor coisa que o Chico já fez. Como todas as anteriores. (E.M.)

INCONSCIÊNCIA

Num momento de fraqueza, esqueci de registrar meu obrigado ao pessoal do "Panfleto", que também deu sua forcinha pela minha candidatura. Gráças. (E.M.)

**AÇOUGUE E CASA DE
CARNES MARCIO CACEZES**
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone 6-4880

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone 4-2253

FOTO LUIZ
Agora em novas
instalações.
Rua São José, 22

COMÉRCIO DE COUROS
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 — 60,00
Bola futebol n.º 2 — 74,00
Bola futebol n.º 3 — 97,00

XEROX
também
é com o
JOJO
ZFZINHO
ROSADE 6 3795

NOVIDADES
Charme
CALÇADO,
ROSÁRIO.626

EDITORA JAPI

ASSEMBLÉIA GERAL

Ficam os sócios da Editora Japi Ltda convocados para uma assembléia geral a ser realizar na sede da sociedade às 10 horas do dia 18 de dezembro, para discussão de assuntos de interesse da firma, inclusive modificação dos estatutos.

A Diretoria.

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR

E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398,
434-6598 e 434-6798.

VESTIBULÃO: UMA GUERRA COM 85 MIL DERROTADOS

Foi dada a largada: dos 93 mil candidatos que responderam às 120 questões do primeiro vestibulão da USP, UNICAMP e UNESP, no domingo, dia 5, vão sobrar 25 mil para a segunda fase. Esses 25 mil, em janeiro, farão os exames expositivos. E entre eles, 8.338 conseguirão vagas nas áreas de Ciências Biológicas, Exatas e Humanas. Os outros 85 mil vão esperar por outras chances.

Este ano, pela primeira vez, o concurso vestibular foi organizado pela FUVES - Fundação Universitária para o Vestibular. Segundo alguns especialistas, isso significará o fim dos exames pré-fabricados, acusados de transformar os estudantes em autômatos fazedores de cruzinhas. Os cursinhos, inclusive, estão modificando seus métodos de ensino, substituindo o simples fornecimento de dicas, que foi o seu forte até agora, por uma orientação mais profunda aos estudantes, principalmente porque a segunda parte do vestibulão da FUVES será constituída de provas analítico-expositivas, que exigirão maiores conhecimentos e raciocínio dos estudantes.

PUCC

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas oferece um total de 49 cursos nas 3 áreas, e seu vestibular não terá eliminatórias. As provas, em forma de teste, serão dias 15, 16, 17 e 18 de janeiro, e exigirão dos candidatos a demonstração de conhecimentos básicos do programa oficial do 2.º grau.

Na área de humanas estão inscritos 7.750 alunos, disputando 2.220 vagas; na área de biomédicas 5.624 pessoas concorrem a 480 vagas; na de exatas 5.024 se inscreveram e o número de vagas é 740. As inscrições estão encerradas.

ANCHIETA

As inscrições para o con-

curso vestibular das Faculdades Padre Anchieta, cuja taxa é de 240 cruzeiros, estarão abertas até o dia 22 de janeiro. Os exames irão de 24 a 27 de janeiro e até o dia 29 de novembro estavam inscritos 64 alunos.

As Faculdades Padre Anchieta possuem 100 vagas para cada um dos seus cursos (Economia, Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Letras, Ciências, Direito e Pedagogia).

Este ano a taxa de matrícula ficou numa média de 800 cruzeiros e as mensalidades por volta de 400 cruzeiros. Os preços de 1977 só serão estipulados em janeiro, mas normalmente há um acréscimo de 10%.

"O VESTIBULAR É UMA GUERRA INJUSTA E ABSURDA".

A universitária Marisa Chidiac tem vinte e um anos de idade e está cursando o primeiro ano de fonoaudiologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). Marisa diz ter conseguido seu ingresso somente na sua segunda tentativa. Na primeira vez ela fazia o cursinho na parte da manhã e o terceiro colegial a noite. Isso para ela, depois que tudo passou, é uma coisa que não aconselharia a nenhum vestibulando porque, na sua opinião, atrapalha sobremaneira os dois objetivos.

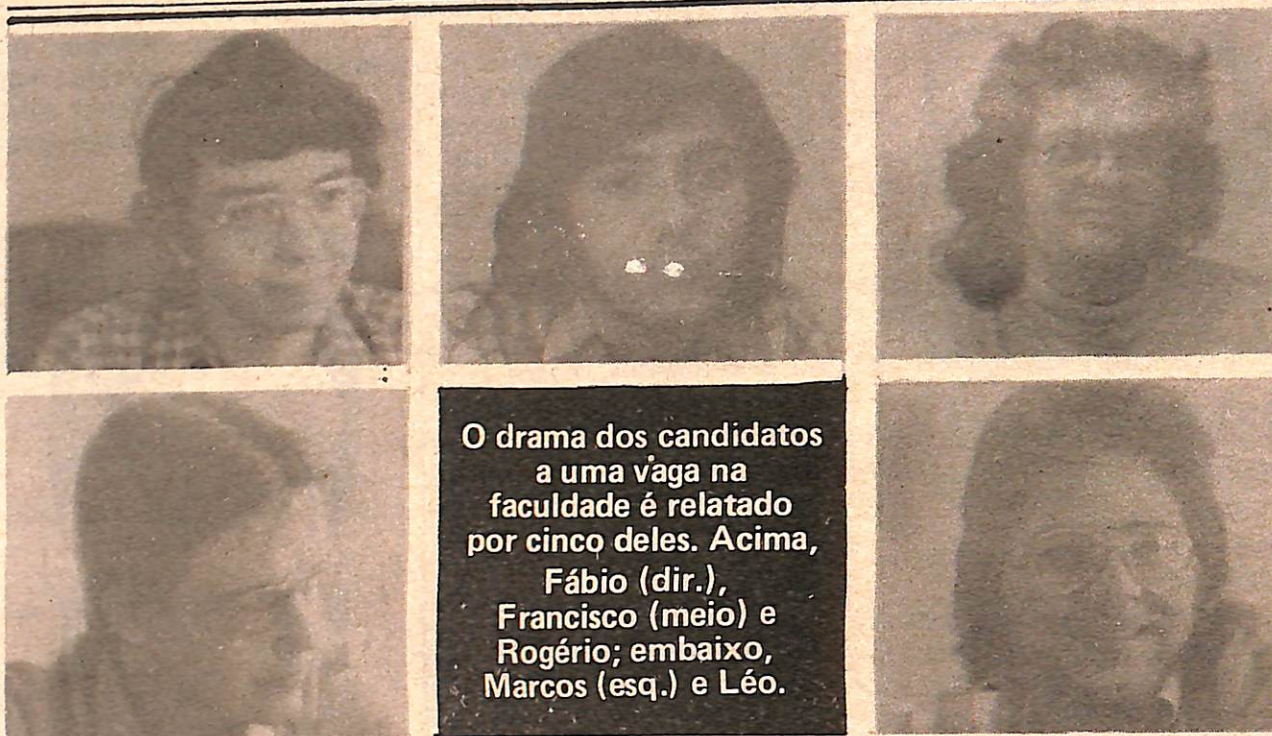
Segundo ela, a tensão é tanta que não se consegue localizar-se ao final do ano, tal o acúmulo de matérias e principalmente a famosa tensão pré-vestibular. Marisa nos conta como vê o problema do vestibular no Brasil:

— O vestibular é uma guerra injusta e absurda. Nem sempre são os melhores que são contemplados. É muito comum quando se está na faculdade deparar com certos alunos que não sabem nem fazer uma equação de primeiro grau. A proporção média, na minha opinião, para a medicina, era por vol-



Marisa é contra.

ta de vinte e seis candidatos para uma vaga. Um verdadeiro absurdo. O ingresso para o curso superior deveria ser direto, mas isso é uma verdadeira utopia dentro dos esquemas educacionais vigentes no país. Quando eu entrei na faculdade não esperava muita coisa, por isso não me decepcionei. Mesmo assim é muito bonito você saber que não parou no meio do caminho. Que você conseguiu ultrapassar uma série de obstáculos para alcançar seu ideal.



O drama dos candidatos a uma vaga na faculdade é relatado por cinco deles. Acima, Fábio (dir.), Francisco (meio) e Rogério; embaixo, Marcos (esq.) e Léo.

A DURA LUTA POR UM LUGAR NA FACULDADE.

Em mesa redonda na redação do Jornal de 2a., cinco vestibulandos, numa faixa de 19 a 20 anos foram entrevistados e, descontraidamente, expuseram suas idéias quanto ao vestibular e planos para o futuro.

J.2a.: o que vocês acharam dessa modificação do vestibular da FUVES?

Leonildo Ferreira Arantes (Léo): o pessoal entra muito na do "chute", mas agora você não vai só marcar um X, tem que escrever e para isso alguma noção ou conhecimento da matéria você tem que ter.

Fábio Sérgio Alves: são 93 mil e vão ser selecionados 25 mil, ou seja, na última fase serão 3 para uma vaga — as chances aumentam, o cara se anima.

Marcos Almeida: o ideal mesmo é que o exame de todas as Faculdades sejam feitos juntos, assim o pessoal que faz inscrição em um monte de faculdades, iria colocá-las como opções e gastaria bem menos.

J. de 2a.: Qual o estado psicológico de vocês nessa fase, antes do vestibular?

Fábio: chega em outubro e você se desespera — estuda, estuda e vê que tem coisa a mais.

Léo: nessa época dá um pânico mental. A espera é horrível, você só relaxa durante o exame, mas depois volta tudo, na expectativa dos resultados.

Rogério Toledo: o colegial é o culpado pelo baixo nível cultural dos vestibulandos. Este pessoal que está entrando deveria começar a se preparar agora, exigir mais do professor e existem livros bons que acabam com o "monstro" que fazem de algumas matérias. O cursinho deveria servir apenas como revisão e complementação do que já foi visto.

J.2a.: porque vocês escolheram essas carreiras? Francisco Rodrigues de Paula Jr: vou fazer medicina, fiz técnico de enfermagem e estagiei no São Vicente. A gente mexe com o povão e adquire experiência.

Léo: Eu sou formado em técnico de publicidade, me empolguei com a animação do teatro em que me meti, etc. Mas quando cheguei no 3.º ano pensei e resolvi fazer medicina, pois o interesse sempre existiu. Desde pequeno gostava de brincar com os aparelhos e ler os livros de um tio médico.

Rogério: eu acho que a biologia é uma das ciências de maior utilidade prática.

Marcos: eu já conheço o pessoal da faculdade de química da UNICAMP, conheço os laboratórios e sei que é um dos lugares onde o campo de pesquisa está muito adiantado.

Fábio: sempre gostei de desenhar, entrei no Colégio Técnico e comecei a gostar de projetos. Depois trabalhei num escritório de engenharia e foi onde me defini.

J.2a.: e se não der para entrar dessa vez?

Fábio: pegando qualquer uma das primeiras opções eu faço. Se não passar mudo de cidade e faço tudo de novo.

Francisco: como já é a 2a. vez, se eu pegar odontologia — minha 2a. opção — faço isso mesmo.

J.2a.: vocês tem alguma idéia quanto ao nível de ensino e ambiente das faculdades em que pretendem entrar?

Marcos: quem quiser pode passar sem levar a sério, mas se quiser aprender, o negócio é estudar e pesquisar por conta, tirar o máximo dos professores. A faculdade é um colegial tamanho família, a diferença é que você faz o que gosta. Rogério: no cursinho eles facilitam mais, com apostilas, etc. tudo do "jeitinho", e na faculdade é como ele disse, é saber aproveitar.

Léo: eu tenho uma idéia do que acontece no 1.º ano é aquela euforia de universidade, gente nova, nos outros é que as coisas começam a apertar e a gente é obrigado a entrar no esquema. Quanto ao ambiente, ou você se entrosa com um grupo ou cada um por si.

Francisco: eu já fiz um mês de odonto, sei pois não era o que eu queria e além disso o ambiente político fervia. Quanto ao pessoal, por terem mais ou menos o mesmo objetivo, fazendo o que gostam...

Fábio: e é por isso que o entrosamento é mais fácil.

J.2a.: quais seus planos para depois das faculdades?

Fábio: um engenheiro é um construtor de caixote com telhado. A coisa é meio bitolada, limitada, não tenho muito por que optar, tenho mesmo é que trabalhar.

Rogério: vou começar a dar aula, não sei, isso fica para depois.

Marcos: se tudo correr bem, espero fazer doutoramento, assim darei aula na faculdade e pesquisarei lá mesmo.

Francisco: como pedi adiamento no exército, entrarei depois da faculdade como 2.º tenente. Talvez siga carreira, pois com o programa de redistribuição do exército eu posso ser mandado para esses fundões como a Amazônia e Vale do Paraíba. Terei campo aberto.

Léo: a minha intenção depois de formado é ir para o interior, nunca exercer em grandes centros, está muito aglomerado e eu quero clinicar realmente. Pode ser que mude, mas agora é a minha intenção.